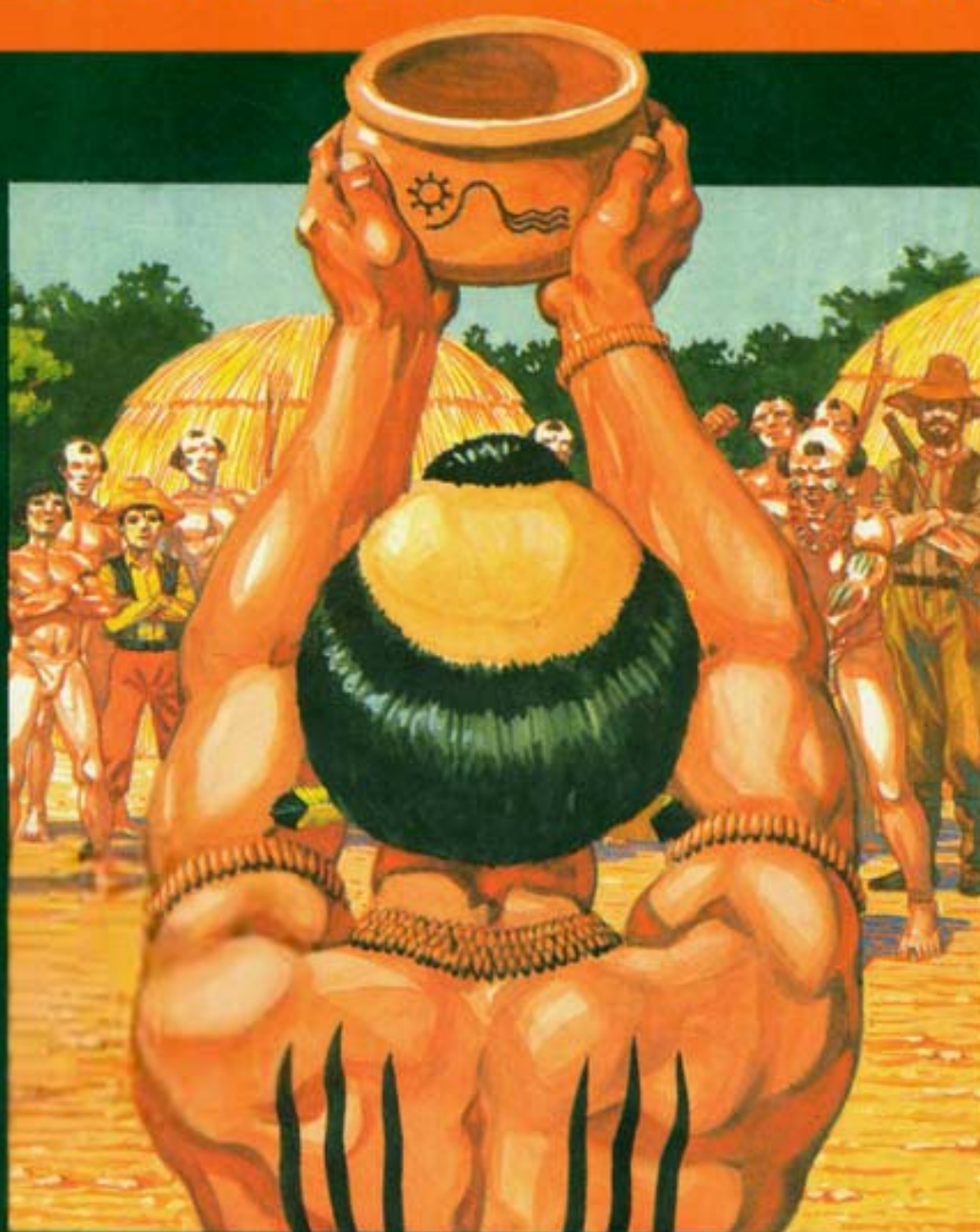


FRANCISCO MARINS

A MONTANHA DAS DUAS CABEÇAS





Francisco Marins

A montanha das duas cabeças

Série Vaga-Lume

TEXTO

Editor:

Fernando Paixão

Assistente editorial:

Marta de Mello e Souza

Preparação dos originais:

José Roberto Miney

Suplemento de trabalho:

Laiz Barbosa de Carvalho

ARTE

Coordenação de composição

(paginação em vídeo)

Neide Hiromi Toyota

Capa: Projeto gráfico

Ary de Almeida Normanha

Ilustrações de capa e internas:

Jô Fevereiro

Editora Ática, 1988

E-Book:

Digitalização: SCS

* * *

Este livro é dedicado aos jovens componentes da terceira geração:

Heloísa

Eduardo

Daniela

Tatiana

Marília

Luciana

Mariana

Gabriela

Carolina

Sumário

Livros Que Revelam Muito Sobre A Nossa História	4
NA CIDADE SENTINELA	6
"Vamos com o vento..."	6
Aventuras e desventuras	11
Promessas de riquezas.....	12
Velhas lembranças	14
Encontro inesperado.....	17
Chamado das minas	18
Canoa x mulas de sela.....	22
AS DESGRAÇAS DE QUILOMBO-AÇU	23
O fugitivo.....	23
Homens de papo grande.....	25
O sal era a moeda... ..	27
Frente a frente com Coxipó	28
Tinguá surge da noite.....	30
O estranho "comprador"	32
As minas malditas	33
NOTÍCIAS BOAS E MÁS	35
Um índio solitário.....	35
O sol, a montanha, o rio!	37
Uma caça na mira	38
A REVOLTA.....	40
Acampamento em pé de guerra	40
A fuga de Capataz e Coxipó.....	43
DE VOLTA AO SERTÃO DOS ÍNDIOS.....	45
Assobios no escuro	45
A Pajelança.....	47
A choça das flautas	48
O ladrão se esconde.....	48
Atrás dos rastos	49
Inimigo ronda a taba.....	51
Velhos ódios.....	53
Surge uma pista	53
A MONTANHA DE TAMACAVI.....	56
Temperamentos contraditórios	56
Dois olhos em brasas	57
Encontros macabros	58
Na caverna do Bugre.....	60
A montanha em fogo	63
DÚVIDAS E DEFINIÇÕES	66
Encruzilhadas	66
A panelinha em cacos?	67
Devassa nas minas	68
O grande diamante	69
Vamos com o vento?	73
No ploc... ploc... dos remos!	74
Conotações histórico-geográficas	79

Livros Que Revelam Muito Sobre A Nossa História

Francisco Marins, descendente de antiga família de boiadeiros e pequenos plantadores de café, nasceu em 1922 em Pratânia (SP). Passou sua infância em contato com a vida rural, onde colheu inspiração para seus livros, os quais iriam refletir os costumes e a história da formação brasileira.

Com *Nas terras do rei Café* dá início à série Taquara-Poca, à qual se segue Roteiro dos Martírios, que hoje é constituída pelos volumes: *O mistério dos morros dourados* e *A Montanha das Duas Cabeças*. A maioria dos livros conta com dezenas de edições e traduções em vários idiomas. Assim, as narrativas para a juventude de nosso país ganharam dimensões além-fronteiras, figurando na famosa coleção européia Delfin.

O que sobretudo caracteriza os livros de Francisco Marins para a infância e juventude é o mundo em que se desenvolvem suas narrativas. Marins aborda temas genuinamente brasileiros, com base na História e nos problemas nacionais, nas tradições e nas lendas de nossa terra. Ao lado de um episódio histórico, procura comunicar a mensagem otimista de que sempre se pode fazer alguma coisa pelos outros. Com rara habilidade literária, ele trata de fatos que marcaram a História brasileira — como a aventura dos bandeirantes e colonizadores —, resultando numa literatura que agrada a todos.

É graças à originalidade de expressão que suas obras vêm sendo constantemente reeditadas, atingindo atualmente cerca de três milhões de exemplares, e seus títulos indicados como leitura suplementar nas áreas de Comunicação e Expressão e de Estudos Sociais.

No campo do romance, o escritor produziu quatro obras que tratam do drama da cultura cafeeira, reunidas sob o título "O Homem e a Terra".

Como homem de empresa e editor, Francisco Marins dedicou-se aos problemas do livro, tendo sido presidente da Câmara Brasileira do Livro, da Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura (SP) e da Academia Paulista de Letras — desta última, no período 1970-1982.

Recebeu diversos prêmios e distinções literárias: indicação como representante do Brasil ao Prêmio "Hans Christian Andersen"; Prêmio "Carlos de Laet" (Academia Brasileira de Letras); Prêmio

"Fábio Prado" (União Brasileira de Escritores); Prêmio "Jabuti" (Câmara Brasileira do Livro); "Medalha do Mérito Literário Pen Club de São Paulo".





"Vamos com o vento..."

— Adeus, Pixuíra! — murmurei, tentando encontrar coragem para a despedida.

— Até... Até a volta, Tônico! — respondeu ele, mal conseguindo conter a emoção.

Perova agarrou o remo e, sem olhar para nosso amigo, mergulhou-o nas águas mansas do grande rio, que rolavam indiferentes.

O jovem índio, de pé na outra canoa, parecia indeciso e chocado. Só naquele momento, ao nos ver partir, convencia-se do inevitável: eu e Perova íamos embora mesmo e deixávamos a selva, para retornar ao nosso mundo!

Pixuíra levantou o braço, sem vontade, o rosto contraído, os olhos tristes. E não conseguiu balbuciar nem uma palavra.

Nossa canoa, impelida pela força de Perova, que parecia remar com raiva, deslocou-se corrente acima.

Eu me virei para o estirão ¹ do rio, que se desdobrava à frente, e enchi-me de coragem para enfrentá-lo, como se estivesse, mais uma vez, encarando o futuro. Um futuro incerto que poderia

¹ estirão: trajeto, no rio ou em terra.

acontecer, em qualquer região: à beira de algum riacho, na cata de ouro e diamantes; ou no trabalho da terra; ou na faina de remadores que bem conhecíamos; ou... ainda, rumando para a distante Santarém, às margens do Amazonas, onde Perova tinha parentes e sonhava chegar um dia.

Mas... naquela manhã, clara e ensolarada, só importava remar rio acima. Depois de uma grande curva, voltei a cabeça e, então, não vi mais a canoa de Pixuíra.

Lá ficava ele, mergulhado em intrincados problemas, que se agravavam pela rivalidade entre as tribos dos Mutuca e dos Caçununga, que se guerreavam, de longa data, sem se lembrarem mais dos motivos pelos quais haviam começado as desavenças. Hábil e decidido, Pixuíra conseguira um começo de acordo entre os índios para a convivência pacífica, mas nós tínhamos dúvidas quanto a um longo período de paz, pois Pajé vivia a repetir que, de acordo com uma antiga lenda, quando aparecesse na tribo dos Mutuca um jovem índio, trazendo-lhe a panelinha de Muiraquitã, muitas e irremediáveis desgraças iam acontecer.

De fato, a primeira parte da profecia já acontecera. Nós três tínhamos ido, tempos atrás, à taba dos Mutuca, conduzindo um objeto rústico que os índios consideravam sagrado. Era um pote de barro, uma espécie de panela, em que apareciam gravados: sol, montanha e riacho.

Pajé convencera sua tribo de que aqueles sinais indicavam o caminho para as lendárias minas dos Martírios! Batovi, o feiticeiro, o contestava. Este era bom companheiro de Pixuíra e podia se tornar para o jovem índio o que Perova era para mim — o amigo inseparável, sempre pronto para defendê-lo frente a todas as dificuldades e, principalmente, das críticas e da rivalidade de Pajé.

Nós sabíamos: os Martírios tinham sido vistos pelos bandeirantes, apareciam indicados no roteiro de alguns deles e de sertanistas do passado. Depois, ao longo dos anos, muitos aventureiros tentaram de novo localizar aquele lugar perdido na selva, porém não foram bem sucedidos. Pelo contrário, em muitos lugares apenas cruzeiros deixaram assinaladas a sua passagem.

Entre os que buscavam aquelas minas, um, sobretudo, despertava ódio e repulsa. Cruzara o nosso caminho, e quase morrêramos em suas mãos — o sanguinário Bugre-do-Chapéu-de-Anta.

O barco continuava a cortar a corrente e, em certo trecho, Perova e eu tínhamos de nos esforçar bastante. A fita do rio, às vezes sinuosa, às vezes reta, às vezes calma e tranqüila. Ela parecia antecipar a nossa trajetória de vida futura: curvas imprevistas, algumas corredeiras, saltos e poucos remansos. E, durante a viagem, um duro remar!



A panelinha de Muiraquitã — que Tónico e Perova haviam conduzido aos índios Mutuca — trouxera discórdia à tribo.

Partíamos, porém, com muita coragem e confiança, prontos para bons e maus momentos de sacrifícios um pelo outro.

A ramagem de árvores enormes avançava sobre o rio e quase nos tocava, formando um túnel verde, dentro do qual nem a claridade do dia penetrava. Mais para frente admirávamos animais a beber do líquido fresco e que não se assustavam com a nossa aproximação.

Jacarés dormiam, pachorrentos, na areia, aquecidos pelo sol; bandos de gralhas, tuins e maritacas passavam sobre nossas cabeças, num alarido de pios e chilros.

Perova mantinha-se silencioso. Toda vez que sentia uma forte emoção ficava daquele jeito, quase mudo, e era difícil arrancar-lhe qualquer palavra.

Depois de várias tentativas, pois minhas perguntas ficaram no ar, eu gritei, bem alto, para que ele acordasse e voltasse à realidade.

— Você se lembra daquele dia, na mata do Araés, quando Muiraquitã nos mostrou os esqueletos?

Ele, então, pareceu despertar. Voltou-se para mim, com os olhos muito arregalados e surpreso, pois realmente ocorrera uma transmissão de pensamento — também ele estava a pensar na mesma cena, que tanto nos impressionara tempos atrás, quando o índio centenário, encarquilhado como uma múmia, caminhara à nossa frente, tentando nos mostrar através da vegetação espessa o verdadeiro lugar para os Martírios!

— Que tem isso a ver, agora? — interrogou-me.

— Tem e muito, pois pra mim ficou uma dúvida... vimos o chapéu do Bugre pendurado lá nos arbustos e nos espinheiros, junto com a ossada...

Perova franziu a testa e o nariz. Era seu cacoete quando queria discordar.

— Você sabe muito bem... eu nunca acreditei na morte do Bugre. O miserável, quando pensou ter encontrado o lugar dos Martírios, matou um a um os seus companheiros, para que ninguém, depois, revelasse o segredo.

Essa afirmativa era difícil de ser contestada, por mais que eu pensasse em outras possibilidades.

— Sim. É capaz mesmo de o Bugre estar vivo! — acabei concordando.

— E à procura da panelinha de Muiraquitã, na tribo de Pixuíra — completou Perova.

— Devido às inscrições?

— Que, segundo a lenda, levam às minas dos Martírios! É isso... — confirmou Perova — aquelas três figuras dão o que pensar...

Lembrei-me delas: o sol, a montanha, o rio! Que significavam os símbolos? Não quis, entretanto, continuar a falar com Perova sobre eles e meti, com força, o varejão no fundo do rio. O barco avançava.

Olhei para a popa e, então, vi uma coisa curiosa: Perova havia gravado fundo, na madeira, a canivete, duas figuras originais — uma cabeça pequena e outra grande.

— Que significa isso? — perguntei.

Perova riu:

— Nós dois, ué!

— E quem é um e quem é outro?

— O cabeçudo é você! O mandão!

Ri — aquilo não significava crítica, dada a enorme estima de Perova para comigo, mas o verdadeiro pensamento dele. Embora eu fosse bem mais jovem, sempre me considerava seu patrãozinho.

Para onde íamos seguindo? Não sabíamos. Mas Perova disse, confiante, umas palavras que havia de repetir, mais tarde, em três ocasiões:

— O vento sopra noutra direção, amigo, vamos com ele! O homem põe e Deus dispõe...

*

Contar o que aconteceu naqueles anos, quando eu era quase um menino, mas levava vida de adulto, metido em viagens perigosas nas selvas, exige um bom esforço de memória. Mas a saudade de bons e inesquecíveis amigos e as lembranças de tantos momentos de lutas, por causas que julgávamos justas, permitem que eu reconstitua fatos ocorridos, muitos anos já passados, ainda de uma maneira viva, pois sinto reviver cada uma das cenas, tão fundo elas me impressionaram. E, assim, vou colocando no papel, numa caligrafia às vezes incompreensível, mas de modo espontâneo, o principal daqueles acontecimentos.

Dessa forma, o meu bloco de anotações poderia se chamar "Aventuras e desventuras de Tônico e Perova, por regiões, rios e

selvas de Mato Grosso e Goiás, após a Independência do Brasil". Não sei se o título é muito comprido... Caso, porém, eu venha a ser lido no futuro por alguns jovens, de uma coisa estou certo: eles poderão nos criticar por certas atitudes, mas também irão se solidarizar conosco pela maior parte delas, pois sempre agimos com desprendimento e idealismo! Em verdade nem sempre alcançamos nossos objetivos e nem conseguimos vantagens, após lutas e sacrifícios. Mas o melhor da história não é quando a gente sonha e está tentando fazer dos nossos projetos realidade?

Aventuras e desventuras

Fomos viver em Vila Bela, antiga sede de enorme capitânia ², cidade que tivera seus dias de esplendor e glória.

Vila Bela, fundada por um capitão-general, com o objetivo de se tornar ponto de apoio para a defesa das fronteiras do oeste brasileiro, crescera em meio ao sertão bruto, distante centenas e centenas de quilômetros das cidades do litoral, graças aos aventureiros vindos de toda parte, interessados na riqueza de suas minas. E lá os mineiros encontraram, por bom tempo, o suficiente para enriquecer, embora destinando um quinto do ouro ao governo colonial, o qual era remetido à metrópole distante, de além-mar.

No auge de Vila Bela foram construídos palácios, casas suntuosas, praças, chafarizes, passeios públicos, quartéis, e o local recebeu visitantes ilustres: capitães-generais, governadores, viscondes e altos funcionários do governo.

Mas o ouro e as pedras preciosas começaram a rarear. Não mais compensava o duro trabalho das minas. Os garimpeiros fugiram para outras localidades mais promissoras. Alguns para Cuiabá, que acabou sendo elevada à categoria de capital, outros para Quilombo-Açu, onde ocorriam descobertas de ouro e diamantes.

Então, sobreveio a decadência. Dava pena ver Vila Bela a morrer, entregue ao abandono, depois de tantos dias de glória: os palácios vazios, o cais, com centenas de braças ³ de comprimento, a desmoronar, as ruas e praças invadidas pelo mato, as casas com seus portais apodrecidos.

² capitania: divisão administrativa, no Brasil colonial. Seu chefe tinha o nome de capitão-mor.

³ braça: antiga unidade de comprimento, equivalente a 2,2 m.

Promessas de riquezas

Graças à ajuda de um jovem chamado Camapuã, conseguimos um bom lugar num dos casarões daquela cidade, onde muitos estavam abandonados. Edifício enorme, que, em outra época, devia ter servido a alguma repartição do governo — salas amplas, corredores, escadarias. Nele nos alojamos, sem autorização de ninguém, na companhia de Camapuã, que ali vivia há bom tempo e praticamente agia como dono do lugar.

Um pouco mais velho que eu, baixo e troncado, de pele escura, azinhavrada, que lembrava sua origem negra e indígena, Camapuã era de espírito alegre e sempre bem disposto. Viera para aquela cidade, tempos antes, na companhia de seu irmão Tinguá, e os dois mineraram nos riachos, à cata de gemas ⁴ e de pepitas ⁵. Mas não tinham sido felizes.

Certo dia, chegara à Vila Bela, o senhor Coxipó, com um grupo dos chamados "papudos". Eram estes, pretos retintos ⁶ e altos, que causavam admiração por terem pescoços grossos, formando um grande papo.

O senhor Coxipó pretendia arrebanhar garimpeiros para as minas de Quilombo-Açu. Sua missão, dizia, era oficial, e quem se recusasse a ir podia sofrer castigos. Mas, haveria recompensas. O senhor Coxipó acenava com boa paga e prêmio especial, quando fosse encontrada alguma pedra de maior vulto! Nesse caso, realmente, o descobridor, se escravo, conseguia sua liberdade e, se homem livre, a metade do produto da venda. Era aquele um costume que se tornara lei nas minas, e todos o respeitavam.

As promessas de Coxipó e a fascinação das riquezas de Quilombo-Açu despertaram o interesse dos que garimpavam na região, onde não mais ocorriam achados de grande importância. Vila Bela, em decadência, com os seus habitantes empobrecidos, tornara-se campo fácil para as promessas de um novo eldorado. Centenas de homens puseram-se em marcha, carregando às costas, ou em alimárias, seus poucos pertences.

Com eles também se fora o irmão de Camapuã. Os dois se separavam, porquanto nosso amigo, na ocasião, não quisera acompanhá-lo.

*

⁴ gema: pedra preciosa.

⁵ pepita: grão ou palheta de metal nativo, particularmente de ouro.

⁶ retinto: que tem cor escura e carregada.

Um dia, ao chegar em casa, gritei para Perova.

— Vamos construir um barco?

Ele ficou atento.

— Que idéia é essa, ué?

— Pois você não vê que até agora só encontramos xibius ⁷ no meio dos cascalhos...

— É verdade — confirmou ele.

— Ouro e pedras não apareceram ainda nas nossas bateias ⁸...

— E para quê o barco?

— Pra transporte no rio! Tem muito movimento de mercadoria por aí! A gente pode ganhar bem!

Não precisava dizer mais nada. Perova detestava aquela vidinha que íamos levando de tentar, todos os dias, a sorte, de sol a sol, à beira dos riachos.

— Sei onde tem uma tora de tocari! — disse eu.

— Boa madeira pra barco. E quando começamos?

— Amanhã! Vai ser duro dizer a Camapuã que não garimpamos mais com ele.

— É verdade.

— Mas continuamos morando juntos!

Apesar de nossos planos de construir o barco, surpreendi Perova, dias mais tarde, trazendo um enrolado de couro de boi, que atirou ao chão da casa. Conhecedor de suas habilidades em trabalhar o couro e fazer arreios, cabrestos, rédeas, barrigueiras — compreendi suas intenções: Perova planejava sair de Vila Bela não pelas águas do Guaporé que rolavam à nossa frente, mas em outra direção, por terra, no lombo de burros. E, como não era de se abrir sobre seus planos, resolvi me calar até que resolvesse me contar. Àquela época eu não tinha mais do que dezesseis anos. Perova podia ser meu pai. E realmente o foi em muitas ocasiões.

— É... eu acho... a gente tem de tomar alguma decisão diferente...

⁷ xibiu: diamante pequeno, sem valor.

⁸ bateia: gamela de madeira usada para lavar areias auríferas ou cascalho diamantífero.

Velhas lembranças

Naquela noite mal dormi, agitado por velhas lembranças. Era muito jovem, mas já tinha vivido situações incríveis. Tropeiro nos arredores de São Paulo, partira, quase três anos atrás, com Perova, para os sertões, à procura do tio Juvenal e do Bugre-do-Chapéu-de-Anta, os quais tentavam reencontrar, nas selvas distantes, as minas dos Martírios.

No início da viagem, em Porto Feliz, conhecemos Pixuíra, o indiozinho, e tivemos sorte de nos engajar numa expedição que pretendia, através de rios de São Paulo, Mato Grosso e Goiás, chegar à foz do Amazonas. Fora uma viagem longa, de milhares de léguas, que, na época, eu não pude compreender, nem justificar. O governo da Rússia, com costumes, clima e povo tão diferentes, contratara um grupo de estudiosos para conhecer nosso interior, ainda primitivo e despovoado. Esse punhado de homens, para realizar tal missão, iria enfrentar perigos e sacrifícios incríveis.

Perova ofereceu aos exploradores seu trabalho de remador, a que se aliava a habilidade para caçar. Principalmente em razão dessa última, pois a expedição precisava sempre de carne fresca, ele foi admitido. Eu e Pixuíra seguimos, por assim dizer, de contrapeso. É certo que, também, nos esforçamos em pequenas tarefas a nós entregues.

Ouvimos, durante o trajeto, que a "Expedição do Russo" seguia a rota das antigas bandeiras fluviais. Com ela, vencemos, até Cuiabá, 530 léguas em nove rios e transpusemos cem cachoeiras.

Durante o trajeto tivemos oportunidade de conhecer melhor alguns dos membros do grupo, os quais sempre nos trataram com muita consideração.

Entre todos, porém, três se destacaram. É que, por feliz coincidência, eles foram os responsáveis pela minha participação na "Expedição do Russo".

O caso aconteceu da seguinte forma: eu permanecera em Itu, onde devia ficar para cuidar de minha mãezinha muito doente, enquanto Perova e Pixuíra se integravam na expedição e deviam partir de Porto Feliz, cidade próxima, com as canoas, Tietê abaixo.

Nossa despedida fora muito triste, pois eu sonhava partir com eles.

Poucos dias depois, entretanto, um fato triste ia mudar o rumo de minha vida. Minha mãezinha, não resistindo à grave doença de que padecia, faleceu inesperadamente. Sozinho, e sem razões para

permanecer naquela cidade, saí, logo depois, para Porto Feliz, na esperança de ainda encontrar meus companheiros.

Infelizmente, porém, eles haviam partido, justamente naquela manhã.

Desolado fiquei a soluçar na murada do rio, lamentando outra má-sorte — por pouquíssimo tempo eu também estaria entre os remadores.

Mas uma boa estrela me ajudou, naquele momento decisivo, pois aproximaram-se uma senhora e uma jovem, as quais me dirigiram palavras de consolo e, depois que lhes contei a minha história, verificando que eu não tinha para onde ir, convidaram-me a acompanhá-las até sua casa.

Eram elas a esposa e filha do Sr. Francisco Álvares Machado, proprietário de uma sesmaria ⁹. Toda a sua família fizera, naqueles dias, boa amizade com os membros da expedição, pessoas de fino trato, que mereciam toda a consideração dos habitantes da província.

Outro fato favorável aconteceu a seguir. Como já disse, o grupo de viajantes havia partido descendo, lentamente, o Tietê, como faziam as antigas monções. Pouco adiante, porém, eles verificaram que um dos batelões tinha carga em excesso e precisavam tomar as providências de arranjar mais um barco.

Como estavam, ainda, muito perto do lugar de partida, a expedição fez uma parada. Foi quando três de seus membros — o Sr. Hércules, Adriano e o Sr. Luís resolveram regressar, por terra, a cavalo, até à casa do Sr. Francisco Álvares Machado.

Havia, segundo depois fiquei sabendo, outro motivo para aquele retorno — razões sentimentais! O Sr. Hércules deixara-se fascinar pelos encantos da jovem Maria Angélica, filha do sesmeiro, e assim poderia aproveitar mais alguns momentos da sua companhia, antes da partida definitiva. Os outros dois amigos apenas o acompanharam.

Era a minha oportunidade e, então, insisti com eles para me levarem dessa vez.

A princípio, avaliando minha idade, ficaram em dúvida. Mas umas palavrinhas da senhora e da filha, acabaram por convencê-los...

⁹ sesmaria: terra entregue aos sesmeiros, no período colonial, para que fosse cultivada.



Tonico se recordava: Perova, Pixuira e ele haviam passado momentos emocionantes junto à "Expedição do Russo".

O Sr. Hércules, magro, alto, claro, tinha uma grande cabeleira e falava o português com dificuldade. Seu país de origem era a França.

Constantemente se dirigia a nós, indagando sobre as coisas que via ao longo do trajeto ou sobre acontecimentos que não compreendia, pois os nossos costumes eram muito diferentes dos da Europa. Lembro-me de que anotava, todos os dias, os nomes das plantas, animais e minerais e se interessava pela língua e costumes dos índios. Devo, certamente, ao Sr. Hércules, a inspiração para, anos mais tarde, também fazer meus escritos.

Outra pessoa muito interessante era Adriano. Jovem e expansivo, revelava entusiasmo pelas belezas do interior. Vi-o pintar cenas da população ribeirinha, paisagens das matas, construções e objetos cerâmicos dos índios e sertanejos. Com Adriano fizemos excelente camaradagem. Infelizmente ocorreria mais tarde, com ele, trágico acidente! O Sr. Luís, o terceiro daquele grupo, era o mais circunspecto¹⁰. Dedicava-se a recolher plantas e minerais e estudava com grande interesse arbustos, árvores, orquídeas e flores silvestres.

Quanto a outros membros da expedição, nós só tratávamos com eles raramente. O chefe era chamado de Barão... e tinha um nome complicado, que nunca aprendi a pronunciar certo.

Ao chegarmos a Cuiabá, separamo-nos da "Expedição do Russo", pois nossos destinos, dali pra frente, deviam ser diferentes, íamos à procura do tio Juvenal e do Bugre. Eles pretendiam atingir inúmeras vilas e cidades de Mato Grosso e Goiás e, depois, seguir para o Amazonas. Pensamos, naquela ocasião, que jamais os encontraríamos.

A partir de Cuiabá, segundo soubemos depois, os membros da expedição se dividiram em grupos menores e, a cavalo ou de canoas, passaram a percorrer povoados do interior, sempre buscando recolher minerais, espécimes da flora, insetos, pequenos animais e conhecer os costumes de várias regiões.

Encontro inesperado

Por uma grande coincidência, dias depois de ter perdido o sono com aquelas lembranças de outros tempos, deparei com movimento incomum no grande cais do rio, onde vários barcos se alinhavam preparando-se para a partida, carregados de café, arroz, farinha de mandioca, carne-seca, pirarucus, gordura de tartaruga, redes, plantas medicinais, aguardente etc. Tudo aquilo devia ser conduzido via Guaporé, Mamoré, Madeira, Amazonas até a cidade de Manaus.

¹⁰ circunspecto: sério, sisudo.

Alguns viajantes, conforme nos informaram, pretendiam ir com aquela frota até o forte Príncipe da Beira, em barco próprio e, depois, regressariam a Vila Bela. Assim, teríamos boa paga se quiséssemos ceder-lhes o nosso barco, àquela altura já concluído, por três a quatro semanas.

Perova animou-se e, quando eu combinava com a pessoa encarregada a forma de prestar-lhes os nossos serviços, vimos aproximar-se um senhor alto, com barbas compridas, acompanhado de um jovem. Eles nos cumprimentaram gentilmente e, logo às primeiras palavras, vimos tratar-se do Sr. Hércules e de Adriano.

Ambos ficaram muito alegres em nos rever, após cerca de dois anos decorridos. E quiseram saber de nossos passos, desde que nos separamos em Cuiabá. A alegria era recíproca e, também, queríamos ouvir sobre a "Expedição do Russo" e o porquê da presença deles naquela cidade, afastada do roteiro principal para o Amazonas.

Não foi possível, entretanto, contar-lhes nem uma pequena parte do que nos acontecera e, quanto a eles, só nos disseram que iam ao forte Príncipe da Beira, à margem do Guaporé.

— É uma grande fortaleza do tempo do Brasil-Colônia, construída pelos portugueses... — disse o Sr. Hércules.

— Para quê? — perguntei.

— Para vigiar o rio. Aquele era um ponto-chave deste país, na fronteira com os espanhóis. Ninguém podia passar por lá sem autorização. Soldados estavam sempre de sentinela...

O Sr. Hércules e Adriano ficaram satisfeitos com a nossa intenção de acompanhá-los até o forte e regressar com eles, enquanto os demais barcos seguiriam para Manaus.

Perova animara-se com a perspectiva dessa viagem e voltara ao seu antigo bom humor.

Mas a pequena frota não partiu naquele dia, como planejado, aguardando um carregamento de cereais que se atrasara.

Chamado das minas

Tal fato alterou o plano combinado, pois à noite, quando já estávamos recolhidos e preparados para a partida do dia seguinte, ouvimos bater à porta. Estranhamos. Quem podia aparecer a horas mortas, em nossa casa? Só se da parte dos viajantes, com alguma recomendação especial!

Perova levantou-se de pronto e perguntou quem era.

De fora, uma voz fraca indagava por Camapuã.

Abrimos a porta e, à luz do lampião, surgiu um homem magro, de estatura média, chapéu à cabeça e roupas surradas. Mal se mantinha em pé pelo cansaço e, com dificuldades, balbuciou algumas palavras. Vinha a mando de Tinguá.

Camapuã, agitado, quis logo saber se acontecera alguma coisa de mal a seu irmão. O recém-chegado, que se chamava Borel, informou que Tinguá estava vivo, mas à mercê de Coxipó e precisava, urgentemente, de ajuda. Os motivos, ele explicaria depois.

Em seguida, atirou-se sobre uma cadeira e, sem forças, começou a dormir profundamente.

— Deve estar faminto! — comentou Perova.

— Mas, agora, maior que a fome é o sono!

Sem saber como agir, e desconfiados, nos revezamos na vigília durante toda a noite. O homem acordou pela madrugada com os primeiros clarões do dia entrando pelo cômodo.

Refeito, Borel se dispôs a nos contar sobre incríveis acontecimentos em Quilombo-Açu, onde Coxipó, ajudado por seu fiel guarda-costas, apelidado Capataz, mantinha os garimpeiros na situação de miseráveis escravos.

Coxipó fora nomeado, anos passados, pelo governo, para fiscalizar a produção daquelas minas e arrecadar a parte devida ao fisco.

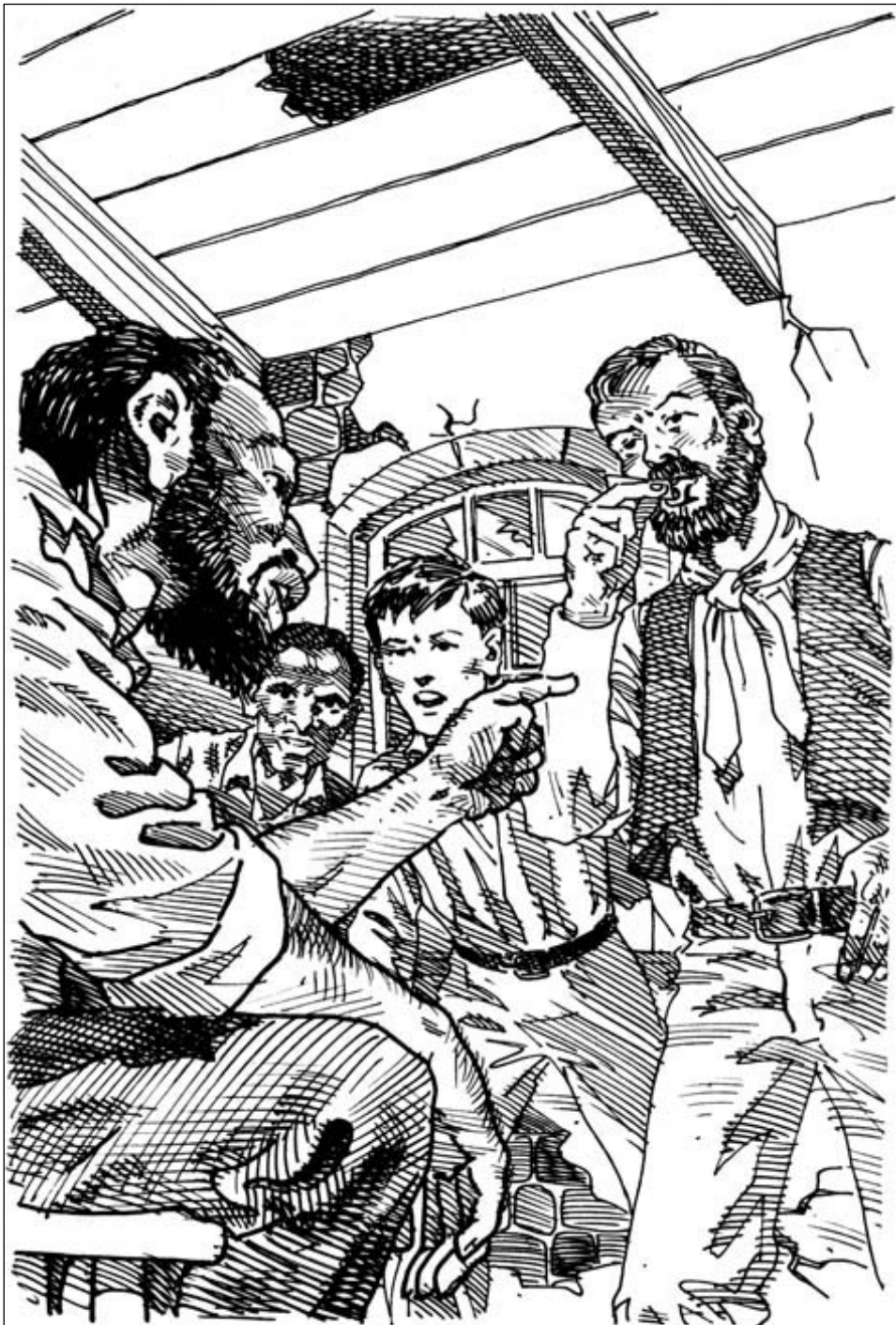
Isolado, porém, naquela região tão distante, tornara-se arbitrário ¹¹ e corrupto — guardando para si o resultado das minas.

A vida nos garimpos, ao longo dos riachos que deságuam no rio Quilombo, era extremamente penosa para os trabalhadores, fossem brancos, mulatos, pretos, índios ou cafuzos. Coxipó e Capataz, servindo-se de expedientes criminosos, açoitavam e defendiam escravos fugidos; atraíam homens livres ou libertos, interessados em riquezas e, a todos, depois tornava devedores dos alimentos necessários à sua sobrevivência e dos seus favores. Dessas dívidas jamais eles se libertavam.

Tinguá, irmão de Camapuã, tornara-se uma das vítimas. Moço inteligente, logo se destacara entre os trabalhadores, a ponto de merecer a confiança de Coxipó, no desempenho de funções

¹¹ arbitrário: despótico, discricionário.

especiais. Não concordando, porém, com a cruel situação dos mineradores, entrara em conflito com o patrão e fora mandado a garimpar sob pretexto de rebeldia e por dever importâncias à conta de alimentos. Tinguá passara a integrar o grupo dos famintos e desgraçados garimpeiros, que jamais iriam sair daquela horrível situação, a não ser...



Assustado, Borel conta que os garimpeiros de Quilombo-Açu são mantidos como escravos.

— O quê? — perguntou Camapuã.

Borel parou um instante, tomou fôlego e explicou-se:

— ... que encontrasse algum diamante de grande porte!

— Essa é a lei das minas! — confirmou Perova.

— Então o descobridor ou "inventor" ¹², se é escravo, fica liberto! — disse o nosso visitante.

— E quando é homem livre? — perguntei.

— Recebe a metade do valor da pedra.

— E Tinguá descobriu algum diamante? — quis saber Camapuã.

Borel confirmou:

— Um diamante, enorme! — e fez gesto com as duas mãos.

Ficamos curiosos em saber mais sobre o acontecido. O homem continuou — o achado provocara agitação nas minas e todos queriam, também, encontrar outras gemas daquele tamanho. Tinguá, entretanto, a princípio entusiasmado com seu sucesso, logo se decepcionara, pois Coxipó, manhosamente, protelava o cumprimento da chamada lei das minas, alegando a inexistência de compradores para o grande diamante.

O tempo ia passando e Tinguá permanecia como trabalhador escravo e sem participar do lucro de seu achado. Então, formulara o plano de mandar avisar seu irmão, em Vila Bela, para tentar alguma providência. Borel sabia, entretanto, que não era fácil entrar e sair em Quilombo-Açu. Havia uma passagem única, onde Capataz e os guardas papudos exerciam vigilância dia e noite. Ele, Borel, amigo de Tinguá, fugira infiltrando-se em um grupo de cavaleiros, enviado a serviço a um povoado próximo. Seu animal, já escanzelado ¹³, não resistira e ele acabara chegando a pé à nossa cidade.

Camapuã, bastante revoltado, quis saber nossa opinião a respeito. De pronto achamos que pouco podia ser feito em favor de Tinguá, e menos ainda em relação aos mineradores. Só com o apoio do governo as arbitrariedades e os desmandos de Coxipó poderiam ser enfrentados.

A despeito disso, Camapuã tomou a resolução de partir para as minas. Perova vislumbrou, também, a oportunidade não só de

¹² "inventor": descobridor, o que achou a pedra.

¹³ escanzelado: muito magro, escanifrado

sermos solidários com um amigo, mas, também, a de iniciarmos a primeira etapa de sua sonhada viagem à distante Santarém. Trocamos idéias e comunicamos a Camapuã: — íamos com ele.

Canoa x mulas de sela

Tivemos de tomar muitas providências, a primeira das quais a de avisar o Sr. Hércules e Adriano. Estes, depois de ouvirem nossas razões, acharam a decisão acertada, embora muito sentissem a perda da companhia. Comunicaram-nos, também, que os remanescentes da "Expedição do Russo", na sua trajetória para os rios do norte, iam passar, obrigatoriamente, por Quilombo-Açu. Assim, já possuíam até uma autorização oficial do governo, que estava em poder do Sr. Luís, para trânsito naquele lugar, onde, costumeiramente, os viajantes encontravam dificuldades e eram submetidos a pagamentos indevidos, quando não mandados a trabalhar nas minas. Propuseram, também, a compra da canoa, circunstância favorável que nos permitiu, com a quantia recebida e mais alguns caraminguás ¹⁴ de Camapuã, comprarmos quatro animais, cujo arreamento, inclusive a bruaca ¹⁵ de uma das mulas, foi todo preparado por Perova, que utilizou couro curtido.

Assim nos despedimos daqueles amigos da "Expedição do Russo", na esperança de algum dia revê-los.

¹⁴ caraminguá: dinheiro de pouco valor.

¹⁵ bruaca: mala de couro cru, para transporte de mercadorias sobre bestas.



O fugitivo

Na semana seguinte partimos, definitivamente, da antiga capital.

Perova olhou para o horizonte e repetiu sua frase por mim já ouvida, quando deixáramos Pixuíra e os Mutuca, meses atrás:

— Vamos com o vento! O homem põe e Deus dispõe. Avante!

Iniciamos longa e penosa viagem, com muitas paradas, pois os animais de sela, em péssimo estado, só conseguiam caminhar poucas horas por dia, principalmente pela madrugada e à tardinha, quando o calor abrandava. Um dos burros só carregava a bruaca, com gêneros e pertences para enfrentarmos o comprido estirão.

A caminhada já durava mais de mês, através de trilhas estreitas, quando começamos a nos aproximar de Quilombo-Açu.

Camapuã, embora inexperiente, foi sempre solidário nas dificuldades que se avolumavam: pousos inseguros ao relento, escassez de alimentos, de caça e até de água.

Tínhamos com ele boa camaradagem e, à noite, deitados em redes penduradas nas árvores, sobre fogueiras, quase sempre contávamos uns aos outros nossas aventuras passadas.

As histórias dele giravam sempre sobre viagens no rio Guaporé e até o forte, lugar que, por sua grandeza, muito o impressionara. As minhas eram sobre Pixuíra, o Bugre, Muiraquitã e a panelinha, de sinais misteriosos.

— O que estava mesmo gravado no pote de barro? — quis ele saber, mais uma vez.

Quando tentei lhe explicar percebi: Camapuã já adormecera.

Em certo ponto encontramos, inesperadamente, à margem do caminho, um homem caído sob uma árvore. A princípio achamos que estivesse morto. Magro, barbudo, com as roupas em frangalhos, mal respirava. Conseguimos reanimá-lo, dando-lhe água e comida. Estava faminto e moído de cansaço. Com o terror estampado nos olhos, pensava ter caído nas garras dos homens de Capataz.

Custou para se acalmar e repetia, seguidamente, em quase alucinação:

— Fugam. Fugam. Os papudos vêm aí...

Manfredo, esse era o seu nome, tinha a aparência de um velho, embora verificássemos ser ainda bem moço. Mais tarde, quando já lhe inspirávamos confiança, nos contou que viera de Cuiabá, em missão oficial, para proceder a uma investigação nas atividades de Coxipó. Acontecera, entretanto, que, ao longo do caminho, seus três companheiros e o guia acabaram fugindo, com todos os seus pertences, deixando-o com a roupa do corpo. Ao chegar escoteiro¹⁶ a Quilombo-Açu, ninguém acreditou na sua palavra e foi obrigado a trabalhar nas minas, embora nunca antes tivesse pegado no cabo de uma ferramenta. Assim, para não morrer de fome, agarrara a bateia e pusera-se a lavar cascalhos.

Felizmente, tivera, na difícil situação, o apoio de um jovem, que nele acreditara e o incentivara a fugir para Cuiabá, lá reunir força contra Coxipó e tentar a libertação daqueles infelizes.

Havia grande risco para sair de lá, mas entre morrer nas minas e tentar a liberdade, preferira a fuga. Acabadas as suas provisões, sentindo fugirem-lhe as forças e sem esperanças de chegar com vida a algum povoado, caíra à sombra daquela árvore. Nossa chegada representava a sua salvação.

Perova, desconfiado, fez-lhe várias perguntas e, por último, indagou de Manfredo:

¹⁶ escoteiro: só, desacompanhado.

— O senhor, por acaso, conheceu nas minas alguém chamado Tinguá?

O outro admirou-se e segurou-lhe o braço.

— Por que me pergunta, amigo? É seu conhecido?

— Não, não conheço Tinguá, mas ele é o irmão deste moço.

Manfredo encarou Camapuã e abraçou-o, emocionado.

— Por Deus, quem me ajudou na fuga foi seu irmão! — e continuou: — Vejo agora, vocês dois são muito parecidos!

Tudo parecia uma grande e feliz coincidência.

Descansamos por ali algum tempo, até que Manfredo, refeito, resolveu continuar seu caminho e nós lhe cedemos a mula que carregava a bruaca.

Aquela ajuda lhe pareceu um presente dos céus. Agradeceu muito e levou, ainda, alguns víveres.

— Seja o que Deus quiser — disse Perova, sempre confiante.

Mais dois dias de marcha e avistamos um morro, que dominava sobranceiro vasta região e, dali em frente, atingimos terrenos baixos, brejosos e alagadiços. Por um caminho fundo, entre barrancos, chegamos a uma porteira que vedava a passagem à frente de uma construção de madeira.

Homens de papo grande

Fomos ali cercados por um grupo de homens pretos que, com maus modos e sem nenhuma cerimônia, começaram a nos revistar.

Notamos naquelas criaturas uma característica física incomum: todos possuíam, na parte da frente do pescoço, uma grande saliência em forma de papo. Alguns emitiam sons, que mal compreendíamos. Outros, ao se esforçarem para dizer alguma coisa, apenas produziam zoadas incompreensíveis.

Eram escravos, como ficamos sabendo, comandados por Capataz e encarregados de montar a guarda à entrada de Quilombo-Açu, passagem obrigatória para os rios tributários ¹⁷ do Amazonas.

Coxipó, de modo arbitrário, estabelecera pagamento obrigatório para os comerciantes e viajantes e, quase sempre, se apropriava de parte das suas mercadorias. Quando não dispunham

¹⁷ tributário: afluyente.

de meios para atendê-lo, mandava-os trabalhar nas minas por longos períodos.

Com maus modos, os guardas papudos indagaram de nosso roteiro — para onde íamos seguir?

Já havíamos combinado, previamente, sabedores das imposições, quais as respostas a serem dadas.

— Vamos para Santarém! — respondeu Perova, com convicção.

Nesse momento vimos aproximar-se, colocando-se à frente do grupo, um homem baixo, troncudo, moreno-carregado, com um chapéu de aba estreita e copa alta, preso ao queixo por barbicacho ¹⁸ de couro. Era chamado de Capataz e notamos que todos o obedeciam. Ele mesmo tinha um enorme papo, que procurava disfarçar com uma espécie de cachecol de fibras.

Encarou-nos de modo arrogante, olhar ameaçador e desconfiado. Depois se demorou a examinar cada uma das nossas montarias.

— Daqui pra frente não precisam mais das mulas! — disse.

Compreendíamos — para Santarém só havia mesmo o caminho dos rios.

Seu modo de dizer era petulante e desafiador! Notara, de pronto, também, que não levávamos bruacas, com alimentos indispensáveis para uma longa viagem.

Os papudos, ao seu redor, aguardavam uma decisão.

Perova, percebendo as dúvidas de Capataz, explicou:

— Queremos trocar os animais por um barco e alimentos.

Disse-lhe, também, que tínhamos ajudado, no caminho, a um desconhecido, faminto. Depois o ingrato fugira, com um animal e nossos víveres.

Capataz cerrou os lábios, os olhos penetrantes a passearem sobre nós. Notamos que essas palavras o convenciam — certamente se lembrara da fuga de Manfredo. Por outro lado, as circunstâncias os favoreciam — estávamos, a partir dali, em suas mãos, inclusive para o negócio da troca de mulas pelo barco.

¹⁸ barbicacho: cordão que passa sob o queixo, segurando o chapéu.



A agressividade dos guardas papudos não conseguiu impedir a passagem dos três valentes viajantes.

O sal era a moeda...

Como nosso objetivo não era o de seguir viagem, solicitamos autorização para permanecer por ali mais algum tempo.

Capataz concordou, mas não abria mão do pagamento da taxa de passagem. Esse podia ser feito com cuias de sal.

Lembrei-me de algumas moedas, guardadas ciosamente numa sacola de couro cosida à roupa do corpo, e fiz gesto de apanhá-las.

Perova logo me impediu. Seria inútil, pois os tratantes acabariam se apossando delas e ainda continuaríamos seus devedores. E, com raiva, bradou — não carregávamos sal e não íamos pagar em moedas...

Os papudos, ao redor de Capataz, entraram em discussão e emitiam sons incompreensíveis. Num certo momento, lembravam um bando de bugios reunidos na mata.

Nosso amigo, com firmeza, desafiou-os — não podiam cobrar direitos de passagem e nem taxas sobre mercadorias para o Amazonas!

Capataz pareceu indeciso.

Eu tentei ajudar, inventando argumentos: pertencíamos a uma expedição, autorizada pelo governo brasileiro que, de São Paulo, iria ao Amazonas. O restante de nosso grupo, dentro em breve, estaria de volta. Se insistissem em nos prejudicar, seriam denunciados às autoridades.

Capataz respondeu que o patrão havia ido às minas e, quando voltasse, ia decidir sobre o nosso destino.

Frente a frente com Coxipó

Fomos então levados, aos empurrões, para um barraco de madeira das proximidades, no qual só havia uma porta. Uma espécie de prisão para os que não se submetiam aos seus caprichos.

Tratamos de nos acomodar pelo chão duro, onde varamos a noite e, no dia imediato, vimos a pesada porta de madeira se abrir e alguns dos papudos nos conduziram, através de um trilho, a uma casa maior, de pedras, plantada em um outeiro ¹⁹, com varanda e coqueiros altos à frente.

Ali nos defrontamos com Coxipó, cuja figura nos impressionou à primeira vista. Alto, corpulento, de barbas cerradas, meio grisalhas, mas não compridas, nariz afilado, pele branca queimada de sol.

¹⁹ outeiro: pequeno monte.

Cumprimentou-nos estendendo a mão enorme e pesada.

Pelo menos aquele era o único gesto cordial desde a chegada. Notei, então, seus olhos vermelhos, salientes e seu hálito a rescender a aguardente. Na parede do cômodo uma grande pele de onça, com a cabeça e os dentes agressivos à mostra.

Dirigiu-nos frases curtas, incisivas, buscando respostas certas. Era homem inteligente e, como depois vim a saber, vivera tempos atrás, na cidade, onde conseguira, junto às autoridades, privilégios para explorar as minas ao longo do rio Quilombo, contanto que pagasse regularmente os respectivos tributos.

Nós lhe respondemos com muito cuidado, pois percebemos logo sua intenção — a de nos arrancar mais informações sobre o restante do grupo, conforme eu havia contado a Capataz, no dia anterior.

Temendo que Perova, sempre impetuoso, se indispusesse com Coxipó, tentei dizer a este o quanto sabia acerca da "Expedição do Russo". Infelizmente não consegui pronunciar corretamente o nome do chefe...

— Barão... Barão... — gaguejei.

Coxipó me olhou de modo inquisitivo e, talvez, tenha me desculpado, pela omissão, levando em conta a minha pouca idade.

Para compensar a falha, mencionei, a seguir, com segurança, os nomes do Sr. Hércules e de Adriano, e acrescentei dados sobre a viagem deles ao forte Príncipe da Beira, terminando por dizer:

— Logo eles estão por aqui!

Na verdade era incerto o reencontro, mas Coxipó ficou abalado. Talvez pela referência à fortaleza, a indicar algum apoio oficial, pois raramente o nosso governo dava autorização para visitas àquele posto militar avançado da fronteira.

Coxipó afinal concordou com nossa permanência, embora não estipulasse prazo. Seria, talvez, oportunidade para nos conhecer melhor e saber se falávamos a verdade. Notamos, também, que olhava demoradamente para Camapuã, o qual permanecera calado. Pelo que depreendemos, verificara a semelhança de nosso amigo com Tinguá, embora nada dissesse a respeito.

À saída ouvimos Coxipó murmurar, não sei se era para ouvirmos ou se tratava de um desabafo:

— Estas minas já deram o que tinham que dar! Muita gente pensa que os diamantes rolam por aí... Mas o que se encontra não dá para o angustio da bugrada!

Dali fomos conduzidos a uma habitação isolada, de melhor aparência, na colina oposta, onde ficamos alojados e, aparentemente, com movimentos livres. Era evidente, porém, que os papudos, de seu posto, nos vigiavam.

Camapuã, inquieto, conversando com moradores do acampamento, começou a procurar informes sobre o irmão e fez saídas pelos arredores. Numa delas nós o acompanhamos e soubemos de fatos inacreditáveis. O povoado, pouco distante das minas, era uma espécie de grande senzala destinada à criação de negrinhos, cafuzos e mulatos, como se fosse uma fazenda de reprodução de animais. As mulheres, sempre obrigadas a trabalho contínuo, nos monjolos e tachos, para fabricar enormes quantidades de farinha de milho, alimento essencial dos mineiros, também eram usadas para a procriação, na maior parte de pais avulsos e desconhecidos. E os moleques, já em tenra idade, iam para as minas.

Tal clima de sofrimento e miséria provocava também nossa repulsa.

— O governo tem de mandar forças para cá e punir essa corja! — disse Camapuã.

— Daqui a pouco estoura revolta entre os mineiros! — comentara um dos homens do acampamento.

— E pode correr muito sangue! — emendara outro.

— Temos pavor dos papudos. Eles matam sem pensar! — completara um terceiro.

Tinguá surge da noite

Alguns dias depois verificamos intensa movimentação dos guardas partindo para as lavras e delas regressando em meio a um alarido incompreensível.

Depois, tudo serenou. Altas horas, ouvimos batidas à porta e alguém chamava por Camapuã, que respondeu.

Pouco depois entrava no cômodo, em semi-obscuridade, um vulto que anunciou seu nome. Era Tinguá.



Camapuã fica sabendo que o irmão Tinguá corre grande perigo.

Os dois irmãos se abraçaram e falaram em voz baixa. O visitante disse ter sabido de nossa presença e conseguira ali chegar, burlando a vigilância dos papudos.

Camapuã contou ao irmão sobre o nosso gesto de acompanhá-lo desde Vila Bela, e Tinguá, agradecido, apertou nossa mão.

Tinha as mãos grossas, calejadas, as barbas compridas e as roupas em farrapos.

Referiu-se, em poucas palavras, ao grande diamante por ele encontrado, o qual Coxipó guardava em lugar seguro. Esperava comprador para vendê-lo e, então, repartir o seu valor, libertando Tinguá. Não pretendia levar a pedra à cidade para não pagar impostos e não despertar corrida de aventureiros à região.

Perova resmungou:

— Duvido que apareça, por aqui, comprador para uma pedra de tanto valor. Coxipó deve ter outras intenções!

Tinguá, temeroso de que alguém o tivesse visto, tratou de ir embora, não sem antes combinar um novo encontro.

O estranho "comprador"

Fomos até um rancho abandonado à orla da mata, onde Tinguá marcara novo encontro. O lugar não despertava suspeitas e ali podíamos conversar, longe das vistas dos papudos. E soubemos por ele que, dias antes, falara com Coxipó um indivíduo muito esquisito, vindo, inexplicavelmente, da montanha que todos ali chamavam de Montanha de Tamacavi. Mal-encarado, misturava a língua da terra com termos indígenas e dizia conhecer Cuiabá e ter vivido em São Paulo. Quis examinar os achados das minas.

Coxipó o atendera. E, então, para surpresa de todos, ao contrário do que podia acontecer com outros comerciantes, não se entusiasmara nem com o tamanho nem com a qualidade das pedras. Disse estar interessado somente em ouro!

Tinguá viu o homem e o descreveu: mestiço, de branco com índio, alto, rijo de carnes, face angulosa, com enorme cicatriz no rosto a lhe descer até o queixo; impressionava pelo porte, pelas roupas, por usar chapéu de couro de abas largas, fumar um cachimbo de cano muito comprido e andar de chinelas nos pés, presas por um amarrio ao dedo maior.

Ao ouvirmos aquela descrição, eu e Perova imediatamente o identificamos, mas continuávamos atentos ao que Tinguá nos dizia.

— O estranho confabulara demoradamente com Coxipó. Depois, desaparecera na mesma direção de onde viera. O que combinara com Coxipó, ninguém soube. A verdade é que retornara no dia seguinte e, então, alguma coisa transpirara das conversas. O recém-chegado falara da existência de uma fabulosa mina de ouro

no sertão. Tudo o que se conhecia não podia ser a ela comparada. O lugar chamava-se Martírios e fora localizado no tempo dos bandeirantes. Na tribo dos Mutuca, existia um objeto de barro, uma espécie de panela, com sinais misteriosos, os quais, de acordo com antiga lenda, indicavam o caminho para a mina, lá onde pepitas de ouro surgiam da terra como cascalhos!

Desde o início, eu e Perova estávamos certos e, a essa altura, já não tínhamos mais dúvidas. O estranho não podia ser outro senão o Bugre-do-Chapéu-de-Anta.

— Esse desconhecido — continuava Tinguá — disse precisar de ajuda de Coxipó, pois não poderia chegar sozinho ao longínquo lugar das minas. Mas estava disposto a repartir as riquezas...

— E a panelinha com as inscrições? — perguntara Coxipó. O mestiço respondera — ele ia consegui-la!

Perova, ao ouvir a referência aos Mutuca, levantou uma dúvida: nós sabíamos que a tribo vivia muito distante, no Araés e, pela forma pela qual o Bugre a ela se referira, dava a entender que aqueles índios viviam por perto de Quilombo-Açu.

As minas malditas

Tinguá, depois de dar outras informações a Camapuã, dirigiu-se para o vale, em cujo lado oposto se encontravam os abrigos dos garimpeiros. Combinamos encontrá-lo ao escurecer, nas proximidades do rancho maior, uma construção de madeira coberta de sapê.

Começávamos a sentir um crescente movimento de rebeldia entre os trabalhadores.

À tarde nos dirigimos à capoeira e, depois de boa caminhada, nos aproximamos do lugar da mineração. De um ponto alto tivemos uma visão de montes de areia, barrancos escuros, poças d'água, bicas de madeira, num conjunto confuso em meio do qual se movimentavam os mineiros. Aquela era uma bacia para a qual convergiam vários veios d'águas e nascentes, todos correndo, ao final, para o rio Quilombo.

Vimos então cenas deprimentes. Centenas de criaturas ali se espalhavam, entregues a penosas tarefas: escavar e carregar terra de um lado para outro, agitar bateias, remover cascalhos.

Conhecíamos outras lavras e sabíamos — em todas o trabalho era difícil e penoso, mas ali ele parecia extremamente cruel. Os

homens mal se arrastavam, seminus, magros, barbudos, doentes, enquanto sobre uma plataforma de pedra os papudos os vigiavam com as armas às mãos. Se alguém se afastasse seria morto.

Esperamos longo tempo por Tinguá, que não apareceu e nem o vimos entre os trabalhadores.

Ao cair do sol todos os mineiros foram conduzidos, como rebanho, a um galpão da encosta, para receber sua reduzida ração de alimentos e, a seguir, aos ranchos apenas cobertos de sapê e desprotegidos de paredes laterais, para dormirem em redes ou amontoados em catres ²⁰ imundos.

Camapuã, inquieto, levantou-se e foi à procura de Tinguá pelos arredores, mas ele não apareceu.

Resolvemos avançar pelo escuro até um lugar mais próximo do rancho maior. Ouvíamos o coaxar dos sapos, nos veios d'águas, enquanto vaga-lumes riscavam o escuro.

Então Camapuã pediu que ficássemos por ali à espera, deslizou por um barranco e, engatinhando, chegou até o abrigo dos mineiros, onde uns já estavam deitados, outros conversavam de cócoras. Sua presença não provocou surpresa, pois, na semi-obscuridade, todos pensaram reconhecê-lo e até alguns lhe perguntaram em voz abafada:

— É pra hoje, Tinguá?

— Estamos aguardando o sinal combinado...

— Você conseguiu fugir?

Camapuã atribuiu as perguntas ao fato de o estarem confundindo com o irmão, com quem tinha grande semelhança.

A última pergunta, porém, o inquietou e, depois de dizer quem era, quis saber sobre Tinguá. E teve informação desagradável.

Ele tinha sido denunciado como elemento perigoso, que estava querendo provocar uma rebelião em Quilombo-Açu. Capataz tentara prendê-lo e os dois se haviam atracado em luta. Tinguá fora ferido e fugira.

Camapuã voltou ao lugar onde estávamos e, depois de verificarmos que nossa presença ali seria inútil, regressamos à casa naquela noite.

²⁰ catre: leito pobre e tosco.



Um índio solitário

No dia seguinte nós dois tomamos a decisão de sair à procura de caça. Estávamos recebendo, como alimentos, apenas um caldo ralo de couve e cuias de farinha de milho, que mal davam para enganar os estômagos, sequiosos de carne fresca.

Camapuã disse que ficava, para uma tentativa de encontrar o irmão. Iria à cabana da encosta, onde ele costumava se esconder.

Internamo-nos na capoeira próxima ao acampamento e, depois, ganhamos a mata.

Perova sentia-se em seu elemento. Aqueles dias sem nada fazer deixaram-no irritado. Respirava fundo e piava, imitando jacus e urus. E dava passadas tão largas que eu mal podia acompanhá-lo.

— Camapuã vai ter de esperar bom tempo pela nossa volta! — disse.

Não atinei ²¹ logo com o motivo. Ele explicou-se:

— Por perto, não há caça de pêlo nem de pena, pois os famintos de Quilombo-Açu acabaram com a fauna.

²¹ atinar: descobrir pelo tino; notar.

E tinha razão. Cada vez íamos mais para frente, e nada de caça graúda, nem miúda.

Nós dois queríamos vencer logo o capão ²² de mato, que, a partir das minas, avançava até uma montanha solitária, a se erguer no rumo do poente, dominando sobranceira a planície levemente ondulada.

Após um dia de caminhada, pudemos contemplar aquele morro a lembrar um tronco humano, em pé, com enorme cabeçorra. A vegetação que o revestia formava seus cabelos compridos, a esvoaçarem ao vento.

Estávamos sedentos e com as cabaças d'água vazias.

Felizmente, quase à tardinha, chegamos a um lugar onde um riacho serpeava entre areia alva e pedregulhos.

Atiramo-nos de bruços à água fresca, mergulhando a cabeça e bebendo com sofreguidão. Depois nos deixamos ficar, descansando. O lugar parecia apropriado para passarmos a noite.

Perova, entretanto, notou por ali pegadas que iam e vinham, por um trilho.

Resolvemos segui-las e, pouco à frente, chegamos a uma clareira. Escondidos entre arbustos, examinamos o lugar e descobrimos que, sob um abrigo rústico de ramos, havia uma rede e, no chão, brasas acesas.

Ao lado, de cócoras, um índio entretido com alguma tarefa doméstica. Então Perova, inesperadamente, emitiu um som, que só ele sabia produzir.

O índio colocou-se em pé, assustado, e apanhou seu arco.

Perova, imediatamente, passou a dizer algumas palavras que, na selva, sempre significavam paz e amizade. E nós dois avançamos para o terreiro.

Tivemos então uma boa surpresa: ali estava Batovi, da tribo dos Mutuca, feiticeiro e hábil farejador de rastros. E como explicar o fato, uma vez que nos encontrávamos tão distantes da aldeia dos Mutuca?

Batovi parecia indiferente à nossa presença, o que era estranho.

Quisemos primeiro saber sobre Pixuíra. Respondeu laconicamente:

²² capão: porção de mato isolado no meio do campo.

— Pixuíra está bem!

— E ele é agora cacique dos Mutuca? — insisti.

Aquela pergunta poderia ser estranha. Mas eu e Perova tínhamos esperanças de ver um dia o jovem Pixuíra a dar ordens e comandar sua gente.

Pelos modos do índio, entretanto, vimos que aquilo não se realizara.

Abanou a cabeça e continuou a assar um pedaço de paca na brasa. Procedia como se nós não estivéssemos presentes.

— Por quê? — insisti.

— Pajé não concorda. Tem aquela velha rixa com ele...

Sabíamos da desavença.

Batovi só respondia por meias palavras e não conseguíamos arrancar-lhe mais explicações.

O abrigo de ramos nos permitia passar a noite e decidimos ficar por ali.

Batovi dividiu sua refeição, mas continuou calado enquanto ardíamos de curiosidade para saber o acontecido à tribo dos Mutuca, depois da nossa partida.

Pacientemente Perova esperava, para de novo voltar à carga. E, de repente, interrogou-o sobre seus companheiros de tribo.

O outro ouviu em silêncio e, sem nos encarar, respondeu:

— Andaram muitas e muitas luas, olhando sempre, pelas madrugadas, na direção do sol nascente... até enxergar a Montanha de Tamacavi e encontrar o rio!

Essas palavras, bastante misteriosas, não permitiam tirar conclusões. E ele de novo se calou.

Pouco depois Batovi saiu do abrigo para, em seguida, voltar com alguns paus de lenha seca, que colocou na fogueira. Então, ajeitou-se na rede e, sem nos dizer mais palavra, encolheu-se e pôs-se a dormir.

Eu e Perova não tivemos outra alternativa senão a de imitá-lo.

O sol, a montanha, o rio!

Deitados em nossa rede e sentindo o calor gostoso da fogueira, não conseguíamos pegar no sono. Aquele encontro ressuscitava

lembranças e nos acendia a imaginação. Mas não chegávamos a muitas conclusões. Estas só vieram quando, durante o silêncio da noite, ouvimos o índio, em sonho, falar alto. Sua voz rouca ressoou no silêncio, às vezes imperativa, como se desse uma ordem. Depois, interrogava ou contava.

— Vejam a panelinha! Aí está o sol. Depois... a montanha e o rio...

Perova, atento, não perdia uma só palavra. Batovi em certo ponto parecia discutir com algum interlocutor, que o acusava e, então, tornava-se agressivo:

— Sim. Lá na montanha, bem no alto, no cocuruto ²³ mora o Gigante em uma caverna. Quando ele sai... a terra treme. Escutem o trovão — é a voz de Tamacavi. Cuidado, não subam o morro, fiquem na planície. Tamacavi, o gigante, pode comer um cabrito em poucos bocados, mas é amigo dos Mutuca, que vieram viver nestas terras boas ao pé da sua montanha. Aqui tem muita caça e o rio está cheio de peixes!

Batovi interrompia por algum tempo sua fala rouca. Depois voltava:

— Eu vou falar com Tamacavi frente a frente! Ele tem de saber tudo sobre os Mutuca. E castigar o Pajé!

Aquele pesadelo devia ser tão real que Batovi estava completamente transtornado.

Depois, caiu em profundo sono e só ouvimos o seu ronco, por longo tempo.

Quando acordamos, no dia seguinte, não vimos mais o índio.

E, depois de examinarmos a cabana rústica, chegamos à conclusão de que ele se fora.

Uma caça na mira

Devíamos regressar e, então, partimos em seguida. No caminho, um incidente mais uma vez me fez aprender uma lição de vida com Perova.

Ainda não tínhamos abatido nenhuma caça de porte, objetivo principal da saída pelos arredores, quando, de repente, meu amigo encontrou rastros frescos no chão.

²³ cocuruto: o ponto mais elevado.

Sua paixão de caçador se excitou e começamos a seguir as marcas até um ponto, quando estacou e me pediu para que parasse. Obedeci. Perova avançou, agachado até pequena moita. A presa estava bem à sua frente... Ficou a observá-la e, depois, inesperadamente, fez um barulho, sacudindo os ramos e gritando. O animal, então, passou em desabalada carreira a meu lado, quase me derrubando e perdeu-se adiante na capoeira.

Como não ouvi o tiro, lamentei:

— Você já não é mais o mesmo!... Deixou escapar uma bela caça!

Perova veio para junto de mim.

— Sim, deixei. Vi o bicho bebendo na fonte. Está com o úbere cheio. É uma fêmea. Se desse o tiro ia matar, também, os veadinhos que ela está criando...

Desse gesto eu jamais me esqueceria.



Acampamento em pé de guerra

Só à noite nos aproximamos de Quilombo-Açu. Então, notamos clarões no horizonte.

— Veja, parece incêndio na mata.

Após caminharmos mais algum tempo, compreendemos que não se tratava de uma queimada, pois as chamas subiam da área destinada aos ranchos do alojamento e das moradias dos garimpeiros.

Rumamos para lá e vimos muita gente a correr, aos gritos, e confusão por todos os lados. Labaredas tomavam conta do galpão maior.

A cobertura de sapê queimava e dela só restava o esqueleto das madeiras. As habitações menores também começavam a arder e, com a sua claridade, vimos por ali corpos caídos e feridos a gemer.

Em meio à tropelia ²⁴ encontramos Camapuã muito agitado, as roupas encarvoadas e com um machado à mão.

— Já pegamos quase todos os papudos!

Nesse momento chegava, correndo, um garimpeiro.

²⁴ tropelia: tumulto.

— Os bandidos fugiram! — ele gritou, referindo-se a Coxipó e Capataz.

— Pra onde? — interrogou Camapuã.

— No rumo da Montanha de Tamacavi!

— E seu irmão? Alguma notícia? — perguntei aflito a Camapuã.

Mesmo em meio à confusão, Camapuã nos explicou, em poucas palavras, como as coisas aconteciam.

Tinguá, fugido, reaparecera pela madrugada e pusera-se à frente daquela gente. Os garimpeiros, que só aguardavam sua palavra, empunharam as armas: facões, enxadas, pás, cavadeiras, machados, foices.

Tinguá, então, corra de grupo em grupo avisando: os papudos estavam à sua procura, para matá-lo. Quando chegassem ao galpão principal, ele daria o sinal, atirando uma tocha sobre o sapê da cobertura.

E assim tinha sido feito.

Quando as labaredas começaram a crescer, os mineiros avançaram contra os papudos e, embora estes possuíssem armas de fogo, os outros, em maior número, conseguiram dominá-los, após luta feroz.

A revolta, àquela altura, mostrava-se vitoriosa.

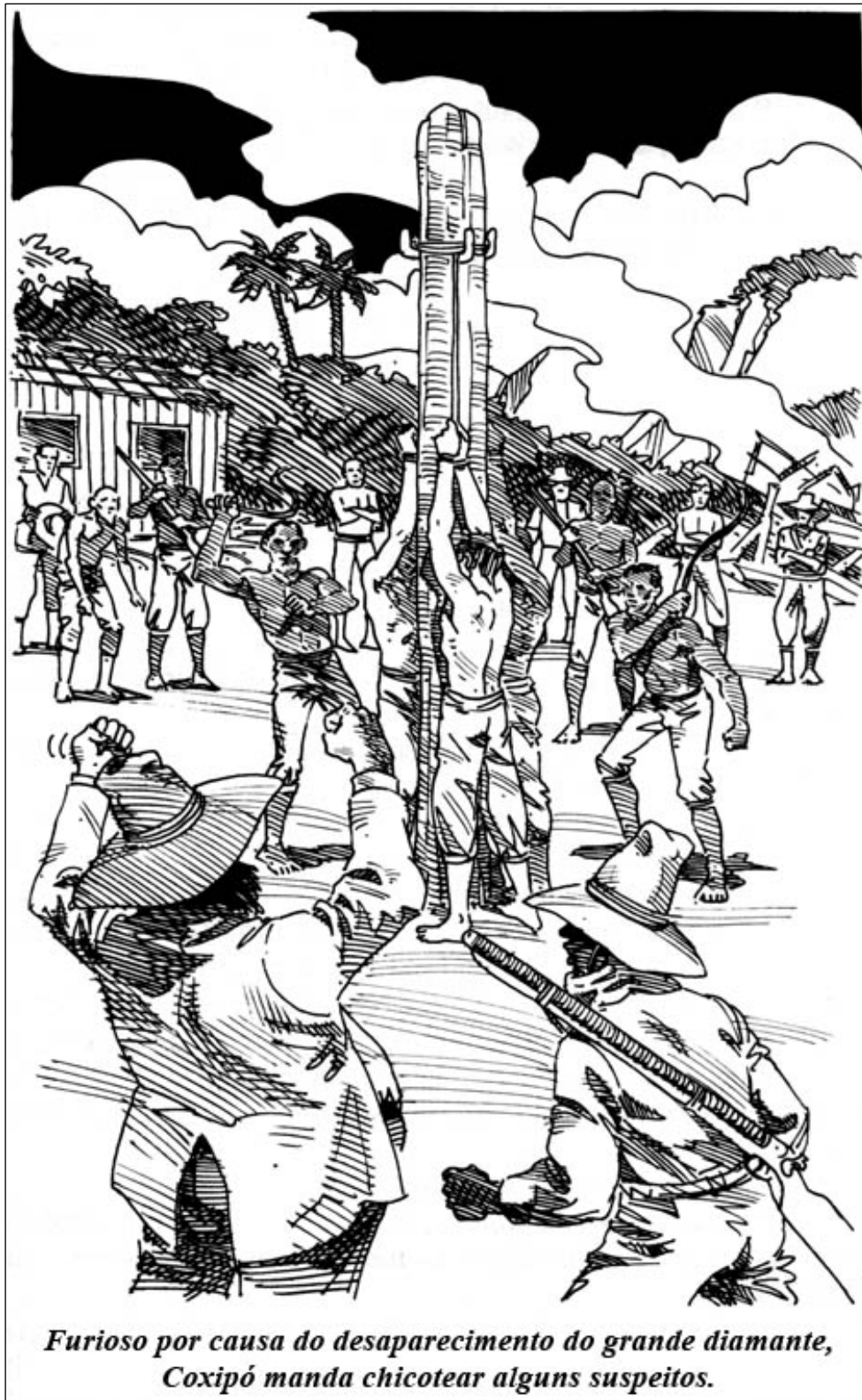
Percebemos que Camapuã estava ferido, pois de sua testa corria um fio de sangue. Tratamos de retirá-lo dali, embora teimasse em ficar.

Ao passarmos entre os garimpeiros, ouvíamos exclamações de júbilo. Alguns comemoravam, bebendo cachaça, que nos ofereciam, erguendo canecos; outros saudavam Camapuã, pensando que fosse Tinguá!

Quando nos acomodamos, em lugar seguro, Perova examinou a ferida de nosso amigo. Não parecia ser grave, pois Camapuã insistiu em nos contar como tudo acontecera.

Disse que Coxipó, quando soubera que o grande diamante havia desaparecido do lugar onde o guardava, reunira, em desespero, os papudos e ordenara uma busca severa nos alojamentos. Até no sapê das coberturas, entre as madeiras das paredes, por toda a parte, se procurou a pedra, que não apareceu. Então Coxipó ordenou a prisão de alguns garimpeiros, de quem Capataz desconfiava; mandou amarrá-los e chicoteá-los à vista dos companheiros. E sentenciou: todos aqueles seriam mortos, um a um,

ao escurecer, caso o diamante não aparecesse. "Miseráveis, covardes!", gritara Coxipó possesso. "Seus corpos vão servir de comida para os urubus! Não preciso mais de ninguém! Eu e Capataz vamos explorar os Martírios — a maior mina de ouro que existe. Levo pra lá a nação inteira dos Mutuca."



Sobreviera então a luta, que começara junto ao rancho do alojamento, para onde os papudos se dirigiram, tentando prender Tinguá.

O resto nós já sabíamos e víamos ali, aos clarões das fogueiras — feridos a gemer e muitos mortos.

A fuga de Capataz e Coxipó

Aquela noite foi de terrível confusão e mal conseguimos chegar ao nosso alojamento. Apesar de tentarmos, não pudemos levar Camapuã. Também Tinguá não aparecera.

No dia imediato verificamos que muitos garimpeiros já haviam se apoderado da casa onde habitava Coxipó, do abrigo dos papudos e do portão principal, chave da passagem para os rios do norte.

As cenas trágicas que presenciáramos haviam de ficar gravadas fundo nas nossas lembranças.

Os garimpeiros, após a derrota dos papudos, seus algozes, sentiam-se como prisioneiros libertos e andavam de um lado para outro, sem destino e sem objetivos definidos.

— Agora começa pra eles uma dura tarefa! — comentou Perova. — Destruir é mais fácil que construir!

Eu não compreendi bem a verdade daquelas palavras.

Mais tarde, Camapuã apareceu e mal podia parar em pé. Passara toda a noite em atividade, apesar de ferido. Vinha buscar algum repouso e sem nada nos dizer logo se atirou sobre a cama.

— E Tinguá? — perguntei.

Camapuã não respondeu. Perova se aproximou e insistiu, pois nosso amigo, moído de cansaço e vencido pelo sono, não me ouvira.

— Foi atrás de Coxipó e Capataz! — respondeu, afinal.

Isso já sabíamos. Muitas perguntas queríamos ainda lhe fazer, mas Camapuã dormia profundamente.

Eu e Perova precisávamos partir e já tínhamos um plano formado, após o encontro com Batovi. Realmente, nossas preocupações cresciam. Tentamos acordar Camapuã.

— A gente tem de ir! — gritei aos seus ouvidos.

Ele não acordava e só resmungou algumas palavras, incompreensíveis.

Pensamos bem e resolvemos lhe deixar um bilhete. Mas Camapuã não sabia ler. Então Perova chegou bem perto e gritou, mesmo sabendo que nosso amigo não ouvia.

— Por enquanto é só, até logo! Você não precisa mais de nós. Boa sorte, amigo!



Assobios no escuro

Precisávamos vencer um capão que se interpunha entre Quilombo-Açu e a região dos cerrados, escolhida pelos Mutuca para sua nova taba.

Não foi fácil, pois não havia trilhos, e através da vegetação alta avançávamos, quase sem rumo, só contando com a experiência e a intuição de Perova.

Quando vencemos o intrincado da mataria e ganhamos a planície, tentamos encontrar a corrente de um rio à margem do qual, segundo Batovi nos havia indicado, vivia a tribo de Pixuíra.

Naquele ponto começamos a ver, no rumo do nascente, uma montanha a dominar sobranceira o descampado. Sua forma era a de um tronco humano, aprumado. A parte alta, coberta de vegetação. A face oposta voltada para as minas de Quilombo-Açu, apresentava-se descoberta de verde e com enormes pedras.

— Tudo indica que a nova terra dos Mutuca não está muito longe!

Eu pensava da mesma maneira.

De fato, bem à tardinha, vimos fumaça ao longe e depois ouvimos vozes trazidas pelo vento.

E foi para nós uma grande alegria quando, de um ponto mais alto, pudemos distinguir a taba, com as choças construídas à maneira dos Mutuca. Era quase inacreditável, mas aqueles índios tinham mesmo deixado a região onde viviam e vindo em busca de nova terra!

Aproximamo-nos da fogueira, ao centro das choças, onde se reuniam vários índios, conversando animadamente. Eles não nos perceberam de pronto e, então, Perova deu um assobio, fininho e prolongado. Era o sinal pelo qual nos comunicávamos com Pixuíra.

Todas as vozes serenaram e vimos alguém se levantar, tentando identificar o som. Perova assobiou de novo e, então, tivemos resposta, a lembrar o pipilar de um jacu.

Pixuíra veio correndo ao nosso encontro.

Mal podíamos nos conter de emoção após tanto tempo. Pixuíra crescera e se tornara um jovem forte, de ombros largos, cabelos lisos aparados à testa.

— Eu nem acredito — dizia ele. — Pensei que nunca mais ia ver vocês dois.

Percebemos que os índios do terreiro se alvoroçaram ao nos ver e comentavam em voz alta. Não compreendíamos o que falavam, mas Pajé atirou um punhado de areia sobre o fogo, demonstrando seu desagrado pela nossa presença e afastou-se pisando duro.

Pixuíra dividiu sua choça conosco e nela instalamos as redes, depois de comermos com apetite alguns pedaços de carne moqueada.

Notamos, porém, que nosso amigo, apesar da alegria em nos receber, tinha no rosto ingênuo um ar de tristeza. Quisemos saber dos motivos e pedimos que nos dissesse todo o acontecido desde que nos despedíramos da sua tribo.

Pixuíra se pôs a contar, com seu jeito muito atraente. E nisso revelava viva inteligência. Ele disse que as duas tribos, dos Mutuca e dos Caçununga, não conseguiram viver juntas. Os velhos ódios, avivados pelas constantes críticas de Pajé, renasceram como o fogo da brasa mal apagada. E os Caçununga partiram para sua antiga aldeia. Quanto aos Mutuca, deixaram o lugar de seus antepassados e saíram à procura de novas terras.

— Não compreendo os motivos! — eu disse.

Pixuíra justificou:

— A tribo lá mal podia sobreviver. A caça rareava e o rio tinha pouco peixe. Devido a uma grande seca, a mandioca e o milho não produziram.

Em seguida, Pixuíra nos contou que Pajé anunciara ao povo sua profecia: uma figura estranha aparecera-lhe e lhes ordenara em sonho que deviam ir embora dali. Grandes desgraças estavam para acontecer — fome e doenças para matar as crianças e os velhos, e guerra com os Caçununga! Todos seriam sacrificados.

Tais palavras haviam calado fundo. Cacique, muito velho e sem forças para impor sua vontade, concordava. Pixuíra nada pudera fazer. E, então, certa noite, o conselho da tribo resolveu que todos deviam deixar o lugar. Mas para onde ir? Qual a região mais apropriada?

Foi, então, que Batovi impôs sua idéia: a panelinha de Mui-raquitã possuía alguns sinais misteriosos que indicavam o rumo a ser tomado!

Todos concordaram. Sim, podia ser mensagem de Tupã.

Batovi a interpretou. O sol queria dizer: seguir para o nascente; a montanha simbolizava a terra prometida, à direita de um rio largo. Os índios se agitaram. As palavras de Batovi tinham a força da verdade.

— E todos concordaram? — perguntamos.

— Só uns poucos preferiram a interpretação de Pajé, completamente contrária. E foi assim — concluiu Pixuíra — que chegamos a este lugar.

Nós sentíamos, entretanto, nas palavras e nos modos de Pixuíra, que nem tudo corria bem naquela nova terra. O encontro, dias antes, com Batovi suscitava muitas dúvidas.

— Que acontece, afinal? O seu povo não gosta deste lugar? — perguntamos.

— Não é sobre o lugar... Mas por outros motivos, esquisitos e muito sérios!

Nós ficamos à escuta.

A Pajelança

Pixuíra continuou a nos contar:

— Aconteceu um fato muito desagradável durante a nossa festa da pajelança. Íamos iniciar a plantação da mandioca no chão antes preparado pelas mulheres; as ramas escolhidas estavam prontas para serem colocadas na terra... À noite, ao redor da fogueira, Batovi fez a fumigação²⁵, para espantar os maus espíritos. Assim as plantas iam crescer fortes e produzir raízes grossas. Toda a tribo dançava alegremente. Pajé, a um canto, não participava da cerimônia. Desde que os Mutuca haviam deixado a antiga morada, seguindo as indicações de Batovi — falou ainda Pixuíra —, Pajé, bastante aborrecido, não perdia oportunidade de manifestar seu ódio contra o feiticeiro e, também, contra mim, por ser seu amigo.

Neste ponto da narrativa, Pixuíra deu um toque de suspense:

— Começou, àquela hora, a soprar um vento mais forte e, inesperadamente, uma das choças da taba pegou fogo. Nela, felizmente, não havia moradores. Houve correrias no terreiro e muitos dos nossos, com ramos e vasilhas d'água, se puseram a lutar contra o fogo, conseguindo apagá-lo. Ao examinar, porém, a choça queimada, estranhei que as chamas tivessem principiado pela cobertura de folhas de palmeiras e não pelas paredes de madeira, rente aos braseiros, como seria natural.

A choça das flautas

— Naquele momento — prosseguiu Pixuíra —, tive uma idéia e saí a correr em direção à choça das flautas, onde são guardados, como vocês sabem, as máscaras, os instrumentos musicais e as vestimentas para as danças religiosas, coisas essas muito importantes para a tribo. Lá, também, havia sido colocada a panelinha de Muiraquitã.

— E ela desapareceu? — perguntei.

— Encontrei a porta aberta e, no escuro, nada pude ver. Voltei, então, ao terreiro e apanhei uma tocha para melhor examiná-la. A panelinha se encontrava no jirau²⁶.

O ladrão se esconde

— Mas que aconteceu então? — perguntamos, intrigados. Pixuíra, acorrido ao redor do braseiro, falava com desenvoltura:

²⁵ fumigação: ato de expor à fumaça.

²⁶ jirau: estrado de varas sobre forquilhas cravadas no chão.

— Fiquei matutando. Alguma coisa estava errada. Todos, na aldeia, já tinham, àquela hora, se recolhido. Então um pensamento me sacudiu. Levantei-me de um salto e saí de novo em direção à oca das flautas, abri devagar a porta, feita de ramos, e entrei... Na parte da frente, numa espécie de prateleira, entre flores e galhos de palmeiras, estavam as máscaras destinadas às danças e festas religiosas, mas, para meu espanto, a panelinha, que vira ainda há pouco, no jirau, desaparecera.

— E qual a explicação? — perguntei.

— Só esta: durante a confusão, causada pelo incêndio da choça, alguém penetrara na oca das flautas e ali se escondera. Daí ter eu encontrado a porta aberta, como já disse. Como vi a panelinha em seu lugar, nada desconfiei. Mas o ladrão fugira logo depois, levando o objeto sagrado da tribo.

Perova, enquanto ouvia a narrativa, andava de um lado para outro, bastante inquieto...

Atrás dos rastos

— Saí de lá e fui à procura de Batovi — continuou contando Pixuíra —, que consegue seguir um rasto de bicho, no meio de cem outros. Nada escapa a seus olhos, ao faro de seu nariz, aos seus ouvidos.

— Eu acho que Perova também é um pouco assim — disse eu.

— Deixe disso, Tônico...

Pixuíra continuou:

— Batovi estranhou minha visita àquelas horas da noite. Contei-lhe, rapidamente, o que descobrira e pedi-lhe segredo. Não devia dizer a ninguém sobre o desaparecimento da panelinha. Queria a ajuda dele, para estudar os rastos ao redor da oca das flautas. Batovi, com uma tocha na mão, pôs-se a examinar cuidadosamente o terreno. Às vezes parecia um animal a farejar o chão, e até com a língua tocava a terra... O dia ia rompendo. Lá para os lados da mataria revoavam os pássaros. O céu se enchia de cores e sons...

Quando Pixuíra descrevia assim as belezas da Natureza, embora o fizesse em sua linguagem típica, eu notava que Perova mal podia conter-se. Seu espírito de homem livre, que aspirava a estar em contato com a vida agreste, na liberdade sem limites do sertão virgem, naqueles momentos, se revelava. Ele parecia beber as

palavras de Pixuíra e era como se, diretamente, estivesse participando das cenas que o jovem índio nos ia descrevendo:



De repente, Batovi pulou e correu ao fundo da choça. No meio de cavacos e galhos secos, notara pegadas.

— Batovi resmungava palavras confusas, mas eu confiava numa pista para descobrir o ladrão. De repente, Batovi deu um pulo como o de um macaco e correu ao fundo da choça. Entre cavacos e galhos secos, notara pegadas. Naquele lugar alguém ficara escondido.

— Os rastros eram de chinelas? — perguntou Perova muito excitado.

— Não — respondeu Pixuíra —, mas de pés descalços, de um homem pequeno. Suas passadas saíram de dentro da oca e se perderam no terreiro. Pedi, então, a Batovi que não continuasse seu trabalho, pois àquela hora a tribo despertava e alguém podia suspeitar.

Como a noite já avançava e nós estávamos muito cansados, pedimos a Pixuíra que interrompesse a narrativa.

Inimigo ronda a taba

No dia seguinte, ele nos voltou a dizer sobre uma grande ameaça à tribo — um animal rondava pelas proximidades e todos estavam com grande medo.

— Uma fera? — interroguei.

— Alguns dizem que é Tamacavi, um índio muito alto e forte, que está zangado com a nossa tribo e vive lá na montanha... Outros afirmam que o gigante, à noite, se transforma numa grande onça pintada, a qual ronda faminta o acampamento! Muitos já ouviram o seu urro aterrador.

— E Batovi, o feiticeiro, o que diz?

— Que o monstro Tamacavi existe, mas não é inimigo da tribo! Pelo contrário, ele tenta se aproximar e quer fazer amizade, mas como não fala a nossa língua, tem de usar meios estranhos!

— E qual é a sua opinião, Pixuíra?

— Antes de contestar o meu povo, fiz uma busca pelos arredores e, de fato, encontrei sinais de patas de uma grande onça!

— Um "gato rajado"! — acrescentei, tentando dar nome ao bicho.

— É isso — continuou Pixuíra. — E, para desgraça de todos, começaram a desaparecer cachorros, animais domesticados, aves. Vocês se lembram dos jaburus, das seriemas, dos jacus mansos, das

pacas e cotias soltos pela aldeia? Pois nada mais resta desses bichos, bons companheiros das crianças...

Confirmamos. Sabíamos disso e sentíamos muito.

— E não se consegue pegar o inimigo?

— Fizemos de tudo! Armadilhas no meio da mata e, à margem dos carreadores²⁷, nos barreiros²⁸, onde os animais vêm lambar a terra salgada. Sei que é uma onça enorme. Ela pressente o perigo e refuga. Se esconde algum tempo, depois volta a atacar.

— É muito curioso isso! — resmungou Perova.

— A situação ficou bastante difícil quando a fera, por pouco, não apanhou um curumim²⁹, quando voltava de seu banho no rio.

— Que perigo! — exclamei.

— Foi por um triz que ela não pegou o menino. E com isso — prosseguiu o índio —, a vida da tribo mudou. Ninguém mais vai às roças, nem sai muito longe da taba e, à noite, todos se recolhem bem cedo! Pajé vem instigando os moradores e diz: "O lugar indicado por Batovi ao interpretar os sinais da panelinha de Muiraquitã foi errado". Batovi, acuado por todos, saiu aí pela mata. Disse que ia à procura de Tamacavi...

Até aquele momento nós não tínhamos contado a Pixuíra sobre o nosso encontro com o feiticeiro. E acrescentamos, ao fazê-lo, a nossa decepção — Batovi parecia completamente transtornado, dizia coisas incompreensíveis e, depois, desaparecera inesperadamente durante a noite.

Perova, excitado, com a testa franzida e a boca repuxada, demonstrou não estar gostando nada do que ouvia.

Eu podia surpreender os seus pensamentos e perguntei:

— Você quer ir atrás dessa onça, não é?

Realmente, era esse o propósito dele.

Pixuíra, entretanto, parecia em dúvida. "E se a onça, de fato, fosse Tamacavi?", estaria ele a pensar.

Mas Perova foi decidido. Olhou para mim e disse de um modo que não comportava contestação:

— Amanhã cedo vamos atrás do "gato rajado".

²⁷ carreador: trilha, vereda, picada.

²⁸ barreiro: terra salgada, onde os animais costumam escavar e refocilar.

²⁹ curumim: menino.

Velhos ódios

Ao escurecer desse dia realizou-se uma reunião da tribo. A fogueira, ardendo no centro do terreiro, lançava reflexos vermelhos no escuro do céu. Ouviam-se vozes, ora calmas, ora agitadas.

Pixuíra participou das discussões e, no dia seguinte, nos disse:

— A tribo decidira não mais continuar naquele lugar. O aparecimento da fera, que podia ser Tamacavi disfarçado, era um sinal claro de castigo!

— Por quê? — perguntei.

— Por terem deixado a panelinha de Muiraquitã pouco protegida, tanto que ela fora roubada. Ou teria ela sido levada por Tamacavi?

A essa altura a reunião se agitara, pois Pajé fizera uma insinuação maldosa:

— Para mim — dissera ele — é muito estranho que Batovi não esteja na tribo. Para onde ele foi?

Pixuíra revidara, defendendo Batovi — ele logo estaria de volta. Quanto à tribo partir daquele lugar, indo à procura de novas terras, todos deviam pensar melhor e aguardar.

— Você disse, Pixuíra — lembrou Perova —, que na noite do roubo havia rastros suspeitos e sinais de que alguém se escondera na oca das flautas?

— É verdade, e os rastros de pés pequenos voltavam para o terreiro e se misturavam com todos os outros. Ali, os índios, muito agitados, iam e vinham em várias direções.

— Nesse caso — concluiu Perova — o ladrão é da própria tribo. Saiu da choça e voltou, disfarçado, para o terreiro.

Surge uma pista

No dia imediato, à tardinha, um índio chegou correndo do cerrado³⁰. Muito nervoso, pôs-se a nos contar:

Tinha ido à caça. Era dos poucos decididos a se afastar da taba e avançava em direção à montanha, quando, em um carreiro³¹,

³⁰ cerrado: vegetação caracterizada por árvores baixas e retorcidas.

³¹ carreiro: passagem ou caminho habitual das caças.

notou marcas de pés, que não eram de índio, pois todos ali andavam descalços.

Temendo encontrar-se com algum estranho, ou com o gigante, saíra em disparada. Um fato também o intrigava — ao lado das pegadas, notara, na mesma direção, rastos de uma onça!

Aquela noite passei insone, pensando em tão esquisitos acontecimentos.

Perova me lembrou um detalhe:

— Não se esqueça, Tônico, de que o Bugre usa chinelas de couro.

No dia seguinte, Perova tomou sua resolução e saiu da choça sem nada nos dizer e se dirigiu à oca de Pajé, que estava ausente.

Com um chuço³² de pau, em forma de cavadeira, começou a sondar o chão para ver se encontrava terra solta. Mas foi surpreendido por Pajé, que, entrando sorrateiro, o atingiu com sua borduna³³.

Só mais tarde vimos nosso amigo chegar, arrastando-se com dificuldades e com um corte sangrento na cabeça. Fiquei muito preocupado e tentei ajudá-lo. Poucas vezes vi Perova tão nervoso, mas ele não se deixava abater. Ele nos disse:

— Tenho certeza de que a panelinha estava escondida no chão da choça. E Pajé fugiu com ela, depois de me bater.

Eu e Pixuíra saímos na direção da sua morada. Paramos à porta e nos pusemos a examinar tudo por dentro. Eu quis recuar, mas Pixuíra me segurou pelo braço.

— Vamos em frente! — disse ele.

É que eu temia entrar naquele ambiente e meu amigo não sabia do motivo. E nem lhe expliquei, para não dar porte de fraco.

Entramos. Então, a primeira coisa que vi, e que sempre me apavorava antes, foi uma cabeça mumificada — um crânio humano, com enfeites feitos de fibra trançada. Suspenso na ponta de um pau, representava um troféu de guerra de Pajé.

Pixuíra notou o motivo da minha indecisão e comentou:

— Pajé não deve ter bons sonhos, dormindo aí, embaixo da caveira do seu inimigo, morto por suas mãos.

Engoli em seco, concordando.

³² chuço: vara ou pau armado com ponta de ferro.

³³ borduna: porrete indígena.

Dois passos à frente vimos que o chão da oca estava revolvido. Havia terra solta e encontramos um buraco, de onde um objeto arredondado fora retirado.

Era uma prova evidente do que procurávamos.

Dali caminhamos até a orla da mata, seguindo pisadas de pés bem pequenos, como eram os de Pajé, e encontramos ramos quebrados e marcas no chão. Como escurecesse, voltamos para junto de Perova, que acomodara-se a um canto. Parecia recuperado.

Pajé não mais regressou à tribo, e, então, todos se convenceram de algo muito terrível — ele era o ladrão!

No dia seguinte, muito cedo, fomos acordados por Perova. Apesar de ferido, decidira sair na perseguição do fugitivo. Nós não conseguimos fazer com que desistisse da idéia.

Muitos índios, revoltados, se juntaram a nós.

Durante muito tempo caminhamos entre troncos e arbustos fechados, procurando ramos quebrados e marcas no chão. Já desanimávamos, bastante afastados da aldeia, quando, de repente, topamos com uma cena macabra.

Perova, homem rijo e corajoso, recuou, procurando nos afastar dali.

Os índios, apavorados, saíram correndo a gritar:

— Tamacavi! Tamacavi!

Pajé se encontrava estendido no chão, morto e horripelantemente mutilado!

Só havia uma explicação: o "gato rajado" o atacara.

E um fato muito nos intrigou: a panelinha, que o Pajé certamente levava na fuga, não foi encontrada por ali!

— E é incrível ainda — acrescentou Perova —, vejam estas marcas de sandálias de couro no trilho! O Bugre-do-Chapéu-de-Anta esteve por aqui esta noite! Tenho certeza disso, Tonico.



Temperamentos contraditórios

Voltamos para a aldeia e combinamos continuar a busca no dia imediato.

Sáímos bem cedo, com o sol aberto, prometendo calor forte.

Difícil foi acompanhar Perova, que, com passadas largas, às vezes se distanciava, pois eu e Pixuíra íamos conversando, descontraídos, sobre caçadas e pescarias.

Caminhamos todo o dia, com pequenas paradas, e, quando encontramos, à tardinha, uma nascente de águas limpas, atiramos nossas cargas ao chão e resolvemos ali pernoitar. Pouco depois a fogueira ardia, enquanto eu e Pixuíra tentávamos preparar alguma coisa para comer.

Na manhã seguinte, começamos a atravessar a região do cerrado, com características de vegetação bastante diferentes da floresta tropical da região do Araés: era rasteira e com arbustos e árvores retorcidas, de cascas grossas.

Perova, de vez em quando, indicava os vegetais e nos dizia os nomes: canela-de-ema, cambaúva, pau-de-lixo, cambarás...

Pixuíra, àquela altura, parecia de novo tranqüilo. A caminhada e a segurança de nossa companhia lhe devolviam, momentaneamente, a alegria, que era a da sua gente, antes a viver

da fartura da Natureza — com seus palmitos, mel, frutos silvestres, lenha pras fogueiras, folhas de palmeiras para cobrir as choças, peixes, tatus, lagartos, caças de pêlo e de unhas, que caíam com facilidade nas suas armadilhas nas cevas³⁴.

A dificuldade, por último, era com a onça! Mas Pixuíra, naquele momento, não queria pensar nela.

Certa vez, eu havia dito a Perova: por que não utilizar as ferramentas de trabalho que estavam no Araés, abandonadas pelos mineradores? Com elas, os índios podiam melhor cuidar das suas lavouras. Havia, no antigo lugar das minas, muitos instrumentos, que iam sendo corroídos pela ferrugem e acabariam se perdendo.

De pronto tive a resposta meio chocante e com a qual não concordava por inteiro:

— Eles não se interessam! Lavrar a terra, na cabeça da maioria, é tarefa pras mulheres; elas também ralam a mandioca, fazem beijus e farinha. Os homens caçam, pescam e guerreiam!

Respondi de pronto que cabia a nós fazer alguma coisa em contrário. Falara exaltado, defendendo aquele ponto de vista. Ia voltar, então, àquele assunto, mas, quando percebi, Perova e Pixuíra já estavam bem longe, andando mais depressa, cada qual certamente empolgado com a perspectiva de novas aventuras. Um queria encontrar o Bugre, o outro descobrir a panelinha desaparecida.

Talvez uma e outra coisa estivessem próximas de serem realizadas.

Dois olhos em brasas

Mais uma noite dormimos no cerrado, não sob as árvores, mas em loca³⁵ de pedras da encosta.

Ao sairmos, bem cedo, Perova me segurou o braço e apontou para o chão. Tive um estremecimento — estavam ali, bem frescas, marcas de patas indicando a passagem de uma onça de grande porte!

Perova então nos disse que, durante a noite, pressentira algo estranho e, sorrateiro, saíra do abrigo com a arma. E vira dois olhos a brilharem, como duas brasas, na escuridão.

³⁴ ceva: lugar onde se colocam grão e iscas para atrair animais.

³⁵ loca: toca, fuma.

Poderia ter dado um tiro e até morto o felídeo³⁶, mas pensara melhor — a onça podia nos conduzir ao Bugre.

— Fiquem por aqui! — disse.

Quisemos discordar, mas ele partiu ligeiro, seguindo os sinais do chão.

Eu e Pixuíra, então, subimos em uma árvore e dali, sondando o horizonte, vimos distante a montanha, com sua face revestida de vegetação, voltada para o nascente.

— Veja, Pixuíra! — disse, apontando com o braço erguido. Ele olhou, se encolheu e começou a descer da árvore.

— A Montanha de Tamacavi! — exclamou.

Não adiantava contestar. Desci também e, procurando lugar mais favorável, tratamos de preparar alguma coisa para comer.

Abatemos, com golpe certo, um lagartão, que se aquecia ao sol, e logo depois o estávamos assando na brasa!

Permanecemos os dois por ali até o final da tarde, quando Perova apareceu. Nada nos comunicou e, bem cedo, no dia imediato, saímos a seguir os sinais de facão, deixados por ele nos arbustos e troncos do cerrado.

Encontros macabros

Com o sol a pino, numa pedra maior da encosta, tivemos, de súbito, uma surpresa. Sentado, Batovi parecia absorto³⁷, a olhar para a montanha à nossa frente.

Aproximamo-nos devagar e ele, ao nos ver, permaneceu indiferente. Resmungava palavras incompreensíveis, tal como fizera na noite em que o encontramos.

Pixuíra, seu bom amigo, aproximou-se. O feiticeiro tinha os olhos arregalados e, com a mão erguida, apontava para a distância. Soubemos, por Pixuíra, o que dizia:

Tentara se aproximar da Montanha de Tamacavi, para ver o gigante de frente! E pedir a ele amizade e proteção para os Mutuca... Tinha certeza — Tamacavi não era um mau! Havia de ajudá-los.

Perova e eu desconfiávamos: Batovi não se mostrava bem da cabeça. Ele continuava a falar. Disse que ao escalar a montanha vira

³⁶ felídeo: animal carnívoro. São os leões, as onças e os gatos em geral.

³⁷ absorto: absorvido, embevecido, enlevado.

homens a correr. Vinham dos lados de Quilombo-Açu e tentavam subir por um trilho, perseguidos por vários outros, que, aos gritos, os ameaçavam. Os dois fugitivos pareciam cansados e andavam com dificuldades. Depois não conseguira mais vê-los. Mas, quando prosseguia seu caminho, tentando escalar a montanha, vira uma cena terrível. Junto ao trilho, espetados em duas varas, dois crânios humanos!

Perova agarrou-o pelo braço, desconfiado. E pediu para ele repetir.

— Batovi viu as cabeças limpas. Tamacavi comeu as carnes!

Não sabíamos o que fazer. Perova, porém, tomou a resolução de seguirmos em frente, até o ponto mais alto.

Nesse momento percebemos que Batovi saltara da pedra e, antes que pudéssemos fazer alguma coisa, saiu em disparada e se internou na mata.

Pixuíra concluiu:

— Ele jamais iria seguir em frente. Deve ter desistido, para sempre, de subir à montanha!

Nós partimos, com Perova. Não sabíamos qual fora a direção tomada por Batovi e, com dificuldades, depois de muito tempo, atingimos um lugar de onde se podia ver o lado da montanha voltado para a tribo dos Mutuca. Paramos para descansar, mas Perova, irrequieto, saiu por ali e logo veio nos contar: encontrara uma ossada, numa espécie de patamar entre as pedras. Ali estavam amontoados: cabeças, costelas, cascos de animais...

Fomos ver o achado. Aqueles restos exalavam mau cheiro. Urubus pousavam pelas proximidades, e um cachorro-do-mato arrastava, para longe, um pedaço de couro.

Antes que Pixuíra, cada vez mais apavorado, dissesse que aquilo era obra de gênio mau, Perova deu uma explicação muito convincente:

— O "gato rajado" mata suas vítimas, no cerrado, e, mesmo em lugares distantes, come o que pode; o resto arrasta para este lugar, que fica sendo o seu depósito de carniça para os dias seguintes. Aí estão restos de capivaras, cachorros-do-mato, lobos, iraras...

Na caverna do Bugre

Senti Perova em grande confusão. Ele não queria dar o braço a torcer e continuou a galgar a montanha, que, daquele lado, parecia impossível de ser escalada.

— Que você acha, Tonico? — perguntou-me.

Enchi-me de coragem e respondi:

— Vamos em frente!

Ele apanhou suas coisas e pôs-se a andar. Nós o seguimos.

Examinando o cimo da montanha, Perova notou alguma coisa diferente, para a qual chamou nossa atenção: uma pequena passagem feita de madeira e ramos, de uma das grandes pedras para uma espécie de caverna.

— Daqui, a furna³⁸ parece a boca de Tamacavi! — comentou Pixuíra.

Do nosso lugar podíamos ver a pontezinha rústica, pendurada sobre o abismo.

Como já entardecia, resolvemos acampar por ali, mas Perova achou prudente não acendermos fogueira.

— Cuidado, o capim está muito seco por tudo! Abrigamo-nos como pudemos e tratamos de dormir. Ao clarear da manhã fui olhar a paisagem ao redor. Dali se descortinava o verde-escuro do cerrado e, bem longe, os capões de mato, que abrigavam a tribo dos Mutuca. Do lado oposto, no poente, as minas de Quilombo-Açu.

Perova regressava, passando com dificuldades entre as pedras. Parou, limpou a testa suarenta, olhou mais uma vez para cima e então disse:

— Ontem à noite eu vi o Bugre!

Essa afirmação nos deixou chocados.

— Então você não ficou de vigia como prometeu e foi andar por aí?

— É verdade. Enquanto vocês dormiam, subi pela encosta do monte...

Atentos, não perdíamos uma só palavra.

— Cheguei até a pinguela³⁹ e até passei por ela. A pontezinha pendurada está sobre o abismo.

³⁸ furna: loca, gruta.

Nós tínhamos a respiração suspensa.

— ...?

Ouvi umas vozes esquisitas dentro da loca. Só podiam ser as falas do Bugre!

Perova devia estar maluco — aquilo era inacreditável, pensava...

— O Bugre falava com quem?

— Com o "gato rajado"!

— Com a onça?

— É, a fera devia estar à sua frente... mas, no escuro, só vi seus olhos de brasa. Pelo jeito escutava seu dono. De vez em quando rosnava, como se o compreendesse!

Eu, àquela altura, desconfiava — Perova sofria de alguma alucinação, naquele cenário, que, também, já perturbara Batovi. A obsessão de encontrar o Bugre, as duras caminhadas ao sol talvez o tivessem perturbado... Pobre Perova!

Pixuíra, contrariamente, não achara estranho o caso da onça, pois nas tribos era comum criarem-se filhotes de animais ferozes... Mas, quanto ao Bugre, estava terrivelmente assustado!

Perova tentava explicar — na certa o Bugre criou essa fera desde pequenina e, agora, por falta de outra companhia...

— E ela tem grande apetite... como vimos pela quantidade de ossos! — disse eu.

— O Bugre é pior que a onça! — exclamou Pixuíra.

— E você teve, essa noite, o inimigo ao alcance da sua arma...

— Sim. Mas não quis atirar, a sangue-frio, de tocaia.

A atitude de Perova poderia ter sido contraditória. Quase morrera, tempos atrás, nas mãos daquele tratante, e, quando o poderia matar, recuou. Compreendi: leal e corajoso, nosso amigo só aceitava a luta franca, de igual para igual!

Quando avaliei seu gesto desse dia, anos depois, ele mais cresceu na minha admiração.

Nosso objetivo começava a ser alcançado. Descobríramos a cova do Bugre e, certamente, com ele devia estar a panelinha de Muiraquitã.

³⁹ pinguela: tronco ou prancha que serve de ponte.



— Ouvi umas vozes esquisitas dentro da loca — disse Perova com intensidade. — O Bugre falava com o "gato rajado"!

A vegetação que bordejava a montanha se apresentava ressequida. O capim, amarelo e estorricado. Por isso, Perova continuava a repetir: cuidado com as brasas — se nasce uma chama por aí, toda a região vira um braseiro. E, assim, ao partirmos, muito atentos, apagamos todos os tições, jogando terra sobre eles, para depois não se avivarem com o vento.

— Este tempo seco só é bom para Coeviacá — disse Pixuíra.

Aquele nome eu só ouvira mencionado quando do incêndio da choça, na tribo. E lembrei-me do que os índios diziam dele. Coeviacá era um gênio muito mau, de longos cabelos, que andava por cima das árvores como um gavião cara-cará. Aparecia, de repente, nos campos e deitava fogo na macega⁴⁰ seca, para ela renascer verde. Mas, quando não era bem recebido nas tribos, incendiava matas e plantações. Por isso, todos o tratavam bem e até lhe ofereciam danças, cantos e frutas doces.

Do lugar onde nos encontrávamos era impossível recuar. Olhando para baixo dava vertigem, pra cima podíamos alcançar, ainda, uma plataforma mais favorável.

Pixuíra, atemorizado, embora não dissesse, preferia não continuar. Mas Perova, nesse momento, agiu com energia e ele obedeceu.

A montanha em fogo

Entre uma pedra e outra surgiu à nossa frente um vale formando um abismo e não pudemos mais avançar. Retornamos lentamente entre os arbustos crescidos em meio às pedras, todos eles secos, em razão da grande estiagem⁴¹. Um mormaço muito forte nos fazia suar às bicas.

— Felizmente vamos ter chuva logo mais — disse Perova.

No céu, nuvens escuras se avolumavam e já ouvíamos o ronco de trovões longínquos. Depois soprou um vento forte, do noroeste.

Começamos a voltar, e mal déramos alguns passos, quando um acontecimento nos deixou bastante preocupados: fumaça escura subia pela encosta da montanha, vindo da direção de nosso último acampamento. A princípio parecia apenas uma língua frágil de fogo,

⁴⁰ macega: capim dos campos.

⁴¹ estiagem: falta ou cessação das chuvas.

mas, depois, enormes labaredas começavam a devorar o mato crestado⁴² e ganhavam os altos do morro.

Percebendo o grande perigo, Perova reclamou aos gritos:

— As brasas da fogueira! O capim está queimando!

— Nós apagamos tudo antes de sair! — retruquei. A fumaça crescia pela encosta com cheiro sufocante!

— Coeviacá! Coeviacá! — gritava Pixuíra atemorizado, a olhar para as labaredas, que corriam perigosamente em nossa direção. Para ele, o gênio mau, que se divertia a pôr fogo nos campos, viera andando sobre as árvores até a montanha e assoprara as brasas. Queria ver tudo por ali em chamas, para virar carvão e cinzas!

Perova dava de ombros. Aquilo não era obra de nenhum gênio mau, mas do vento.

— Não podemos retornar pelo mesmo trilho.

— A única solução é tentarmos pelas pedras, onde o fogo não chega.

A fumaça enchendo o ar tornava-se insuportável e ouvíamos o ronco do fogo a queimar os taquaruçus⁴³, que estralejavam.

— Vamos acabar assados vivos! — gritei.

A expressão carrancuda de Perova revelava a gravidade da situação.

Resolvemos descer pelas pedras escorregadias e quase a prumo. Era a única alternativa. Mas um passo em falso e seria morte certa.

Chegamos, porém, a um ponto quase intransponível, pois a pedra, muito inclinada, só nos permitia avançar rastejando sob o calor da fornalha, logo abaixo.

Eu não queria olhar para o abismo, para não sentir tontura e segui atrás deles, com muito medo. Nadava no ar um cheiro forte de resinas e plantas queimadas.

— Depressa! Depressa! — gritava Perova. — Por aqui! Por aqui!

Chegamos a um terreno mais favorável, quase sem fôlego, e notamos que o vento virava para outra direção, livrando-nos do calor e da fumaça.

⁴² crestado: tostado, queimado de leve.

⁴³ taquaruçu: taquara grande.

Bem para frente, numa reentrância da encosta, achamos lugar apropriado para nos abrigar. Roncavam os trovões e coriscos riscavam o céu. A chuva ameaçava desabar.

— Vamos ficar por aqui e nos proteger!

Perova, desse lugar, pôs-se a examinar os altos da montanha. O fogaréu já a envolvera por inteiro e chegava lá onde havia a pinguela sobre o abismo, a qual conduzia à caverna do Bugre. Perova, àquela hora, tinha uma reação, para nós inesperada: torcia para que o Bugre saísse depressa de seu esconderijo, transpusesse a pequena ponte e conseguisse escapar da medonha fogueira!

Naquele instante, presenciávamos, embora bem à distância, uma cena horrível. O "gato rajado" soltou um uivo aterrador e se aproximou da pontezinha de madeira e cipós, por onde costumeiramente passava. O fogo, entretanto, devorando os arbustos, envolvia tudo em fumaça e o animal estacou indeciso: embaixo, o abismo e, à frente, talvez uma possibilidade de salvação.

Então, em desespero, saltou sobre a pontezinha. Mas esta não resistiu e a onça, envolta em chamas e dando urros desesperados, mergulhou em direção ao fundo do despenhadeiro.

Com a respiração suspensa, mal conseguíamos dizer qualquer coisa, enquanto lufada de ar fresco nos envolvia e, com ela, a chuva a cair. Dali a pouco esta parecia atirada de tonéis sobre nossas cabeças e mal conseguíamos nos abrigar.

Varamos toda a noite, abrigados numa loca, encharcados, sem conseguir acender a fogueira. Felizmente, Pixuíra guardava em sua sacola alguns frutos, que nos ajudaram a matar a fome.

Pela manhã, porém, raiava um sol brilhante, num céu muito limpo e azul.

Olhamos para a montanha: ela nem parecia a mesma. Escurecera. O fogo havia aparado suas barbas e cabelos! Mas tudo estava em calma para os altos. A pinguela, antes pendurada sobre o abismo, desaparecera e seria impossível para alguém, indo pela pedra, alcançar a caverna, onde, antes, Perova disse ter visto juntos o Bugre e o "gato rajado".

Desolados, olhamos para a paisagem, que, antes verde, transmutara-se⁴⁴ em negro.

Felizmente, havíamos conseguido salvar nossas vidas! E partimos dali sem vontade de olhar para trás!

⁴⁴ transmutar-se: alterar-se.



Encruzilhadas

Nas páginas deste meu caderno de lembranças registrei acontecimentos vividos em muitos anos felizes de viagens e aventuras. E foi bom, pois, quando sinto saudades, começo a percorrer os velhos escritos com emoção. E me pergunto: "Por que a gente não mantém para sempre, ao nosso lado, amigos tão queridos?"

Relendo o que escrevi, após o terrível acontecimento do incêndio da montanha, verifico ter havido soluções para alguns dos nossos casos complicados. Para outros, entretanto, ainda permaneciam dúvidas...

Recordo-me que, após a tempestade, partimos com as roupas molhadas, mal podendo andar pelos trilhos, escorregando aqui, caindo lá...

E chegamos a uma encruzilhada — de dois trilhos: um que levava à tribo de Pixuíra e, outro, a Quilombo-Açu. O destino parecia, ali, nos oferecer duas oportunidades — a de voltarmos ao passado e a de tentarmos enfrentar o futuro. Decidimos por este último.

A despedida de Pixuíra foi para nós bastante penosa. Dessa vez, intimamente, estávamos convencidos de que jamais iríamos

reencontrá-lo, embora nos ficasse a convicção de que ele iria se tornar o cacique dos Mutuca e resolver, de modo satisfatório, todos os problemas de sua tribo. Os últimos acontecimentos muito iriam ajudá-lo.

A montanha, vestida de negro, com as duas cabeças espetadas, foi ficando para trás, e nem quisemos olhar para ela.

A panelinha em cacos?

Nunca mais ouvimos falar do Bugre-do-Chapéu-de-Anta! Nem soubemos se ele conseguira escapar daquele pavoroso incêndio! Realmente houve oportunidade para tanto, enquanto as labaredas avançavam, de baixo para cima, devorando a vegetação seca e transformando a montanha num inferno de chamas.

Astuto e matreiro⁴⁵, e tendo ele mesmo construído a única passagem existente entre as pedras e a caverna, era improvável que se tivesse deixado apanhar no seu covil, como um réptil indefeso.

Perova nunca me deu sua opinião: se acreditava que o Bugre fugira a tempo ou sucumbira no incêndio. Mas, repetiu várias vezes, desejava do fundo do coração que o inimigo tivesse escapado vivo.

Quanto à panelinha, é provável que, se o Bugre fugira, ela tivesse ficado abandonada para sempre na loca, ou até que ele a tivesse deixado cair no fundo do abismo, para se transformar em cacos.

Voltando a Quilombo-Açu, encontramos Camapuã.

Ele nos contou que, após a revolta das minas, Tinguá e um grupo de garimpeiros, sedentos de vingança, haviam partido em perseguição a Coxipó e Capataz. Foram alcançados quando iam se esconder numa caverna existente na montanha, lá onde vivia solitário o índio esquisito, que nós chamamos de Bugre-do-Chapéu-de-Anta.

As cabeças de Coxipó e Capataz haviam sido colocadas em estacas na encosta da montanha, voltadas para o vale das minas, onde antes eles haviam sacrificado tantos infelizes!

⁴⁵ matreiro: astuto, sabido.

Devassa nas minas

Camapuã ficou satisfeito com o nosso regresso, mas logo nos disse que nem ele e nem Tinguá pretendiam continuar a viver ali. O lugar era pestilento e tinha lembranças ruins. Convidaram a mim e a Perova para acompanhá-los.

Não aceitamos, já tínhamos outros planos.

Dias depois chegou a Quilombo-Açu o Sr. Durão, funcionário do governo, procedente de Cuiabá, com uma comitiva de soldados.

Sua missão era a de proceder a uma devassa⁴⁶ nas minas, verificar os impostos não pagos durante muito tempo, direitos devidos etc. Trazia ordens severas para punir exemplarmente os infratores.

Fomos visitá-lo e, para nossa surpresa, estava a seu lado aquele homem que encontramos caído à beira do caminho, quando nos dirigíamos para as minas.

O Sr. Manfredo muito se alegrou e comunicou ao seu chefe o quanto nós o havíamos ajudado.

Ele também procurava por Tinguá, principal responsável pela sua fuga e, indiretamente, pela presença do Sr. Durão naquele local, pois se não tivesse regressado à capital, a comitiva policial não estaria ali.

Perguntamos ao Sr. Durão a respeito das suas providências. Ele nos respondeu com firmeza, num tom impositivo. Era homem simpático, mas absolutamente preso às leis e regulamentos, dos quais não pretendia se afastar.

— O fato de Coxipó estar morto — disse — não lhe acarretava conseqüências "pessoais"! — afirmou, solenemente. — Um morto não pode ser conduzido ao calabouço, mas seus bens respondem pelos prejuízos causados ao fisco. Serão arrestados⁴⁷.

A primeira atitude enérgica sua foi a de levantar o montante do patrimônio de Coxipó. E, aí, começou sua decepção. O tratante não possuía bens de raiz⁴⁸. Quanto aos seus semoventes⁴⁹, formados pela escravaria e gados, pouco ia ser arrecadado — dos primeiros, quase todos tinham fugido mal a revolta se tornara vitoriosa; os segundos estavam sendo abatidos, para matar a fome da população que ali permanecia. No que tocava aos papudos o Sr. Durão esclarecia:

⁴⁶ devassa: sindicância para um ato criminoso.

⁴⁷ arrestado: apreendido judicialmente.

⁴⁸ bens de raiz: os imóveis de qualquer natureza.

⁴⁹ semoventes: os bens constituídos por animais. Os escravos eram considerados como tal.

— São uns pobres coitados, que obedeciam cegamente a Capataz, tinham aquele bócio por motivo de alimentação deficiente, só comiam farinha e fubá... Não deviam ser punidos, mas readaptados...

Manfredo, a seu lado, tinha outra opinião sobre a causa dos papos. Eram eles causados por picadas de mosquitos venenosos ou por febres altas, apanhadas nas choças...

Perova ao ouvir essa última afirmação olhou para mim de modo incrédulo. Eu, também, achava impossível a teoria de Manfredo — pois, então, os mosquitos e as febres só atacavam aqueles homens?

Quanto às moedas arrancadas dos viajantes ou dos compradores de pedras, o Sr. Durão pretendia buscá-las onde estivessem, mas até ali não haviam sido encontradas.

O grande diamante

O arrecadador queria saber tim-tim por tim-tim sobre o grande diamante e, ao interrogar Camapuã, teve inesperada e chocante explicação: se a pedra tivesse ficado nas unhas de Coxipó, ninguém mais a teria visto, nem o governo recebido sua parte na "invenção". Por isso, Tinguá a escondera!

O Sr. Durão ao ouvir tal notícia enrubescera e, com voz ameaçadora, sentenciou:

— Esse é um crime passível de severa punição, de acordo com... e citou o enquadramento legal! Ele não pode se apoderar do que não é seu! Não pode...

Camapuã se encolheu, amedrontado. Não esperava aquela reação. O outro continuou:

— Não posso aceitar... a lei não admite! Seu irmão quer fazer justiça pelas próprias mãos! Onde estamos? Isto vira bagunça!

Nós não sabíamos como argumentar em favor de Tinguá, o verdadeiro achador da pedra e principal responsável pelo movimento de rebeldia que culminara nos castigos impostos a Coxipó e Capataz.

O arrecadador pareceu compreender o nosso pensamento, mas não o justificava.

— Não é o fato de Tinguá ter contribuído para a revolta que o torna isento de punição! Um crime não elide⁵⁰ (guardai bem essa palavra) o outro!

Estávamos aborrecidos e tratamos de nos retirar.

— E onde se encontra o Tinguá? — quis saber Durão. Camapuã não respondeu. Mas nós já sabíamos que Tinguá, logo à chegada da comitiva, tratara de se esconder e, realmente, ninguém informava sobre seu paradeiro e o esconderijo da pedra.

Quando saímos, tivemos um aborrecimento maior, pois o Sr. Durão mandou deter Camapuã.

— Fica preso até o irmão dele dar as caras! Manfredo nada pôde fazer e nos disse que ia "quebrar lanças"⁵¹ em favor de tão bom amigo!

De fato, logo mais nos procurou, muito aborrecido. Não pudera, ainda, convencer o arrecadador, homem intransigente e de decisões muito firmes, mas sabia-o, também, dono de bom-senso. E esse era o único modo de ser resolvido o impasse.

Conversamos longamente e, desse encontro, saiu uma proposta a ser submetida a Camapuã e, em nome desse, ao representante da lei.

No dia seguinte, falamos com Camapuã, detido no barracão em que ficáramos na primeira noite de nossa chegada a Quilombo-Açu.

Ele estava muito abatido e eu fui encarregado de lhe sugerir a proposta a ser levada ao Sr. Durão. Depois de pensar, ele aceitou-a.

Fomos, então, na companhia de Manfredo, falar com o arrecadador na casa onde antes Coxipó nos recebera.

A sala era a mesma, com móveis escuros de madeira, recobertos de couro, mas a grande pele de onça da parede fora arrancada. Manfredo nos havia dito que seu chefe, amigo da Natureza, detestava caçadores, mesmo os que matavam animais ferozes. Por isso, retirara o troféu venatório⁵².

— Os bichos foram criados por Deus e têm sua função. Precisam viver! — andava a repetir.

Camapuã, conduzido à presença do Sr. Durão, não se intimidou e fez sua proposta de modo firme:

⁵⁰ elidir: eliminar, suprimir.

⁵¹ "quebrar lanças": lutar.

⁵² venatório: referente à caça.

— O velho costume das minas devia ser respeitado. A gema devia ser vendida a preço de mercado e Tinguá receberia a sua parte. Só nesse caso indicava o esconderijo do irmão.

O Sr. Durão ouvia atento, testa franzida, alisando as barbas.

— Tinguá deveria ser alforriado⁵³ — disse Camapuã — e poderia ir para onde quisesse.

O Sr. Durão, carrancudo, andava de um lugar para outro.

Sentimos que julgara a proposta insolente e até tememos que mandasse Camapuã de volta à prisão. Mas ele também pensara com bom-senso — essa atitude não ia resultar em nenhuma arrecadação para o fisco. E o diamante certamente não apareceria.

Assim, preferiu, mesmo a contragosto, aceitar a proposta e deixou o jovem livre.

Nesse mesmo dia fomos com Camapuã a uma cabana da mata, onde Tinguá se escondera. Antes, porém, verificamos se não nos estavam seguindo.

Trouxemos a pedra, mas, por medida de precaução, Tinguá ainda permaneceu escondido.

O Sr. Durão, ao examinar o diamante, ficou admiradíssimo e teve uma idéia, que logo nos comunicou: o tamanho e beleza da gema iriam impressionar o próprio imperador D. Pedro I, que, certamente, a mandaria colocar num museu ou até remetê-la à Europa, como amostra da riqueza de nossas minas! Isso evitaria, também, que a pedra fosse repartida em dezenas de outras menores, como de costume, caso vendida a comerciante do ramo. Não, e não... — o grande diamante merecia melhor sorte! Serviria como padrão, para ser admirado e elogiado por todo o País! Pelo mundo... quem sabe?

Nós ficamos com muitas dúvidas, pois a remessa da pedra para Cuiabá e, depois, à capital do país, poderia importar, talvez, em meses e anos de espera! E talvez... nosso amigo Tinguá demorasse a receber o valor da sua parte no achado, ou, talvez, até nunca mais visse as suas moedas.

O Sr. Durão, empolgado com essa idéia, continuava a imaginar os desdobramentos felizes dela: sim, lá no Rio de Janeiro, seu nome seria citado como responsável pela descoberta do maior diamante já visto em terras brasileiras! Talvez até merecesse alguma condecoração e promoção de cargo!

⁵³ alforriar, conceder liberdade ao escravo.



Admirado com o tamanho e a beleza do grande diamante, Sr. Durão, o arrecadador, decidiu enviá-lo ao imperador D. Pedro I.

Quanto ao "inventor" da gema, decidiu: concedia-lhe, desde logo, por escrito, o direito de homem livre!

Então, Camapuã, labiosamente⁵⁴, pediu que fosse incluído no documento de alforria o seu próprio nome, pois embora já gozasse dessa condição, devido à sua cor, de vez em quando lhe surgiam problemas desagradáveis. Possuindo o documento, justificado por ser um dos "inventores" da pedra, tudo estaria bem.

Vamos com o vento?

Certa noite, quando já estávamos deitados, esperando o sono, chamei por Perova e lhe perguntei:

— Você não sente aquele vento bom soprando... para nos levar pra frente?

Ele me encarou com um sorriso bom.

— É, a gente põe e Deus dispõe... — murmurou.

— E para onde, agora?

— Para Santarém, ué!

Eu já sabia. A resposta só podia ser aquela. E ele tinha mais coisas para me dizer.

— ... encontrei uma tora boa de tocari. Maior do que aquela de Vila Bela... Com a força de nossos burros vou arrastar a madeira pra beira do rio... Desta vez gravo mesmo na popa as nossas duas figuras!

Perova era incrível! Quando eu pensava — "ia indo" —, ele... já vinha de volta.

— E o que fazemos, depois, com os animais? Daqui pra frente não precisamos deles. Vai ser só no muque, no remo mesmo!

— É... — respondeu —, Camapuã também é dono... da burrada. O melhor é dar pra ele tudo. Assim, com Tinguá, eles vão pra bem longe deste maldito lugar...

Assim decidimos e logo pusemos mãos à obra para fazer a canoa. E nisso tivemos a ajuda dos dois irmãos, por vários dias de duro trabalho, o de cortar e escavar a tora de madeira até ela tomar a forma do barco. E, como eu queria, chegara o momento de Perova

⁵⁴ labiosamente: astuciosamente, manhosamente.

cumprir sua promessa de gravar nela nossos nomes e até nossas figuras. Estas, por sinal, ficaram malfeitas, mas para não desagradar Perova disse que estavam bem bonitas.

No ploc... ploc... dos remos!

Aconteceria, então, feliz coincidência:

Chegaram a Quilombo-Açu os membros da "Expedição do Russo", na sua rota para o Amazonas.

Ficamos muito alegres ao revê-los, mas uma informação nos chocou: o Sr. Hércules, com grande tristeza, nos comunicou que o jovem Adriano morrera afogado, quando tentara atravessar um rio tributário do Guaporé, justamente no regresso da viagem ao forte Príncipe da Beira.

Fiquei muito triste com essa notícia e lamentei a sorte daquele jovem entusiasta da Natureza e que tinha feito muitas pinturas tematizando a paisagem e os costumes da nossa terra.

Outra notícia alterava o plano inicial da expedição — referia-se ao próprio chefe — o Barão... era aquele nome difícil que eu não conseguia pronunciar, mas todos o chamavam de "o russo". Ele adoecera seriamente e os companheiros precisaram levá-lo por rios tributários até o Amazonas, de onde seria conduzido a Belém do Pará e de lá à Europa. Na chefia do grupo ficara o Sr. Luís, com quem eu justamente negociara, em Vila Bela, a venda de nosso barco.

Eles ficaram muito satisfeitos em saber que, dali para frente, podiam contar com nossa companhia e serviços, até Santarém.

Numa daquelas noites, muito quentes, fomos até o lugar onde o Sr. Hércules e alguns de seus companheiros estavam alojados. Todos os preparativos para a partida já estavam prontos.

Ele nos recebeu com muita cordialidade, como era de seu feitio, e nos contou alguns episódios curiosos daquela viagem que parecia já não ter fim. Decorriam já quase três anos, desde a partida.

Eu e Perova procuramos compreender tudo o que nos dizia e muito admirávamos a coragem daqueles homens. Também ele nos mostrou alguns desenhos bonitos, representando paisagens e cenas das monções, com seus batelões e os remeiros.

O Sr. Hércules não se cansava de se referir ao seu jovem companheiro Adriano, com tantos sonhos e esperanças, e que fora

encontrar a morte de maneira tão infeliz, tentando atravessar a nado um rio muito aumentado pelas chuvas. Atirara-se às águas muito confiante em suas forças, com sua vestimenta, inclusive capa. Mas não conseguira vencer a torrente.

Perguntei ao Sr. Hércules se valera a pena tantos sofrimentos e trabalhos e se, afinal, os resultados alcançados correspondiam ao que fora planejado por seus amigos.

Ele me respondeu:

— Valeu e muito. É verdade que passamos por muitos aborrecimentos. Quase todos padecemos de febres e sezões⁵⁵ perigosas. Mas daqui pra frente, temos certeza, tudo correrá bem, embora as distâncias ainda sejam muito grandes. O pior já passou. A expedição conseguiu material abundante e muito útil para estudos. Tudo isso vai ser levado para a Rússia... São documentos e informações preciosas para o futuro de povos e de um território ainda inculto. Isto muito interessa ao futuro da própria humanidade!

Eu e Perova não conseguimos compreender a profundidade e o alcance daquelas palavras.

E, então, ele nos apontou inúmeros caixotes e amarrados que ali estavam para seguir.

— Isto é apenas parte dos materiais recolhidos: minerais, vegetais, adornos dos índios para as suas festas religiosas, amuletos, peças de fibras e de barro, plumas, penas de aves, pedaços de osso, tintas usadas para pintura do corpo, pentes e utensílios domésticos...

Nós estávamos admirados do esforço daqueles homens em reunirem tantas coisas, que guardavam ciosamente, enquanto os naturais pouca importância lhes davam.

O Sr. Hércules continuou:

— Este é um grande País, um verdadeiro continente, com enorme futuro pela frente. Tem riquezas minerais e um solo fértil. Suas terras, bem cultivadas, poderão um dia alimentar muitos países, talvez o mundo inteiro... Aqui poderá crescer a mais numerosa população da Terra — sob o Equador!

Fiquei orgulhoso ao ouvir aquele estrangeiro falar com sinceridade do meu país.

— E nós vamos ter saudades do senhor, quando se for embora — disse.

⁵⁵ sezão: tipo de febre.

O Sr. Hércules nos encarou, com seus olhos claros, e, apontando o dedo para o meu peito, informou:

— Não, amigos, o Brasil já me físgou, como o anzol que agarra o peixe...

Fiquei a olhá-lo indeciso.

— E você, amiguinho, sabe também de outra razão muito forte pela qual não posso mais deixar este país maravilhoso. Lembra-se daquela jovem que um dia conduziu você até à casa e depois insistiu que o levasse Tietê abaixo?

É claro que me lembrava, pois aquele tinha sido um dos momentos mais importantes de minha vida. Sem a ajuda de Maria Angélica e de sua mãe, certamente eu nunca me engajaria na expedição!

— Então o senhor não volta mais para sua terra? — perguntei.

— Não. Pretendo passar o resto de meus dias neste país... e se o Sr. Francisco Álvares Machado me conceder a mão de sua filha, serei um homem feliz, muito feliz, mesmo!

E o Sr. Hércules deu uma batida amiga no meu ombro.

Certa manhã, partimos de Quilombo-Açu, depois de dizermos adeus a Manfredo e ao Sr. Durão. Camapuã e Tinguá já haviam deixado, dias antes, aquele lugar. Ao nos despedirmos dos dois irmãos, eles nos comunicaram que iam para um novo garimpo, o de Tocarizal. Com eles seguiam algumas dezenas de seus companheiros, que tanto haviam sofrido naquelas malditas lavras.

Todos se sentiam livres e felizes para começar outra vida e correr atrás de novos sonhos de riquezas.

Certamente eles nem queriam olhar para trás — para ver as bicas d'água a jorrar inutilmente; para os cascalhos amontoados e os barrancos rompidos, como se fossem barrigas enormes com as entranhas para fora. Por tudo, também, cinzas, carvão e o resto de taperas queimadas, a lembrar, tristemente, o trabalho servil, sob o mando de Coxipó e Capataz — nomes que jamais gostariam de ouvir novamente.

E nem nos lembramos de perguntar aos dois irmãos se haviam recebido, além da alforria, alguma recompensa pelo achado do grande diamante...

Perova mergulhou o remo na água, com força, bem disposto.

Não repetiu sua frase, embora estivesse pensando nela: "Vamos com o vento". Eu, também, com entusiasmo, comecei a remar.

À frente já seguiam dois barcos, conduzidos pelos membros da expedição, que haviam contratado remadores. Iam carregados de grandes volumes.

Nós estávamos satisfeitos ao ver aqueles bons amigos realizarem, pelo menos em parte, os seus objetivos, apesar dos contratempos por eles sofridos. E, também, nos alegrávamos por aquela coincidência — havíamos começado, em Porto Feliz, anos atrás, uma longa viagem e o destino nos colocava de novo juntos — desta vez em direção ao distante Amazonas!

As águas corriam favoravelmente, levemente encrespadas. Nossos rostos se enchiam de esperança.

Pouco depois, numa curva do rio, avistamos, à esquerda, a montanha escura, queimada. Nem parecia mais aquela, antes coberta de verde, pela qual nós subimos à procura do Bugre-do-Chapéu-de-Anta .

— Adeus! — disse, erguendo o braço.

Queria me despedir, com isto, de tantas lembranças e de nomes que haviam ainda de ficar pra sempre em minha memória — de Pixuíra, de Batovi e da panelinha de Muiraquitã!

— Essa montanha, daqui pra frente — disse Perova — tem outro nome! Ninguém mais vai se lembrar de Tamacavi...

— E como ela vai se chamar?

Ele respondeu, de pronto:

— A Montanha das Duas Cabeças!



— *Daqui para frente essa montanha terá outro nome — decidiu Perova.*
— *E como ela vai se chamar? — perguntou Tónico curioso.*
— *A Montanha das Duas Cabeças!*

Conotações histórico-geográficas

Os Martírios. Lugar estranho, nos sertões do Oeste brasileiro, visto na época do bandeirismo por dois meninos que acompanhavam as bandeiras de seus pais. Eles se tornaram, depois, famosos bandeirantes: Anhangüera II e Antônio Pires de Campos. Ao pé do morro dos Martírios eles realmente haviam encontrado muito ouro. Esse lugar, entretanto, por dezenas e dezenas de anos, não foi mais localizado. Somente neste século conseguiu-se, de novo, identificar a região dos Martírios.

A sua procura teria contribuído para o desbravamento de larga parte do território desconhecido. No tempo em que Tonico teria escrito sua história, os Martírios ainda não haviam sido reencontrados, e é por isso que nem ele, nem os companheiros, realmente, localizaram o lugar exato das minas.

Expedição Langsdorff. A 3 de setembro de 1825 parte do Rio de Janeiro e em 22 de junho de 1826 de Porto Feliz, Tietê abaixo. Termina no Rio de Janeiro em 26 de março de 1829 — depois de passar por Belém do Pará.

Foi organizada pelo governo da Rússia, sob o czar Alexandre I, com objetivos científicos e entregue à chefia do barão Langsdorff, cônsul do Rio de Janeiro, mas de origem alemã. Visava "descobertas científicas, geográficas, estatísticas e outras pesquisas, estudo sobre produtos não-conhecidos no mercado, coleção de objetos de todo reino natural". A expedição percorreu vastas regiões do interior do Brasil — São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Amazonas e Pará. Enfrentou perigos, sofrimentos e privações. Langsdorff, no rio Juruena, teve agravado seu estado de saúde e sofreu perturbações mentais, precisando ser afastado do comando.

O material recolhido ficou esquecido durante muito tempo. Em 1930, foi descoberto nos porões do Jardim Botânico de Leningrado.

Hércules Florence. Nasceu na França, mas viveu cinquenta anos em São Paulo, falecendo em Campinas em 1879. Executou trabalhos sobre ciências naturais e escreveu sobre costumes brasileiros. Redigiu uma espécie de diário da longa viagem, empreendida sob os auspícios do governo da Rússia, ao interior do Brasil. Esse relato, traduzido pelo Visconde de Taunay do francês para o português, só foi publicado em 1875 sob o título *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*. Hércules Florence fez excelentes

desenhos em preto e branco e em cores sobre costumes e paisagens do Brasil. Esse material iconográfico com outros de autoria de Adriano Taunay e mais objetos coletados pela expedição foi remetido para o museu da Academia de S. Petersburgo, atual Leningrado, onde ficaram esquecidos por largo período. Hércules Florence casou-se com Maria Angélica, filha de Francisco Álvares Machado, e foi viver em Campinas. Dedicou-se a estudos e pesquisas de novos processos, como o da "poligrafia" e do "papel inimitável". Foi um dos precursores da fotografia, sendo suas primeiras experiências de 1933. É considerado, também, o "patriarca da iconografia paulista".

Adriano Taunay. Jovem desenhista da Expedição, faleceu afogado no rio Guaporé. Tinha apenas 25 anos.

Luís Riedel. Segundo homem da Expedição, substituiu Langsdorff, e, com sucesso, conduziu a expedição ao seu destino.

Príncipe da Beira. Antigo forte da época colonial, que representava um marco da expansão e defesa luso-brasileira, no rumo do ocidente (fronteira boliviana). Atualmente a fortaleza está situada na vila do mesmo nome, no município de Guajará-Mirim, em Rondônia, à beira do rio Guaporé.

Vila Bela. Antiga capital de Mato Grosso, localizada à margem do rio Guaporé, nos limites com a Bolívia. Fundada em 1752.

Contato com os índios. A Expedição Langsdorff teve contato e fez estudos lingüísticos e etnográficos junto a numerosíssimas tribos indígenas. Entre outras, citam-se os Guarani, Mun-durucu, Apiacá, Bororó, Coiapó, Guaná, Guató etc.

Mutuca e Caçununga. São nomes que não correspondem a tribos realmente existentes. Foram inventados por Tonico. As descrições de seus meios de vida, costumes e práticas religiosas representam, entretanto, a verdade do dia-a-dia de várias populações indígenas brasileiras, sem ser característica especial de nenhuma delas.